



O Encontro

(instantâneos da trajetória, anos 70)

Laudo Amanazi

O ENCONTRO

(instantâneos da trajetória, anos 70)

Laudó Amanazi

Meu querido amigo Laudo Amanazi faleceu em 1980. Já muito mal, quase sem poder falar, Laudo me ordenou que jogasse fora esta novela. Não obedeci.

Laudo era um funcionário público que pouco esteve no exterior e não estudou ciências, portanto os fatos relatados, creio, são pura ficção. Mesmo assim, o reconheço em Otávio Sampaio, narrador e personagem do enredo.

Flavio Azeredo da Silveira

A Maria Julieta Drummond de Andrade,
com saudade e gratidão, sempre.

“E aquela era a hora do mais tarde. O céu vem abaixando. Narrei ao senhor. No que narrei, o senhor talvez talvez até ache mais do que eu, a minha verdade. Fim que foi.”

João Guimarães Rosa, *Grande Sertão Veredas*

“Porque, Compadre, a vida é coisa importantíssima. A vida como gráfico, como histórico de cada um de nós, como gradual solução de um problema muito sério, que cada um nasceu com ele, próprio e seu, e tem de ir, tateando e roendo, a trabalhá-lo, como um bichinho de goiaba, até conseguir-se fora da fruta.”

João Guimarães Rosa, em carta escrita a seu amigo Antonio Francisco Azeredo da Silveira, datada de 25 de janeiro de 1962.





1

Em silêncio, cansado, minha memória está sendo arrastada pelo rumor surdo e contínuo das turbinas. Leila ao meu lado, de olhos fechados, também está se lembrando das últimas semanas. Pensar, recapitular, recompor a sequência desses dias...

Consgo apenas concatenar algumas imagens desconjuntadas que parecem surgir das nuvens lá fora. O avião está sacolejando um pouco, as nuvens tornando-se mais densas e as silhuetas se desagregam.

Uma voz feminina, abafada e tubular, nos alerta:

— Dentro de alguns minutos estaremos aterrissando no aeroporto de Schiphol-Amsterdã. Rogamos aos senhores passageiros não fumar, colocar o encosto das poltronas em posição vertical e apertar seus cinturões de segurança.

A casa assim vazia nos pareceu tão diferente. E no momento de entregar as chaves, a descoberta insólita e gratificadora que aquelas quatro paredes, indiferentes ao nosso adeus, não nos pertenciam. Um mundo de objetos havia se volatilizado, deixando aparecer a transparência da geometria simples de alguns cômodos, prontos para transformar-se novamente, sem todavia mudar sequer uma linha ou um ângulo.

Levamos um mês para, finalmente, conseguir reduzir nosso mundo a quase nada e espremê-lo dentro de três malas. A partir do momento que recebemos a confirmação não descansamos mais. Corremos de um lado para o outro, liquidando tudo: vendemos os móveis, o carro e a montanha de coisas que havíamos acumulado durante os três anos que passamos no Rio. E na hora de entregar as chaves, de mãos dadas com a Leila, eu sabia que ela estava vivendo o clímax do sentimento contraditório que a assolara durante aquele mês. Para Leila o apartamento representava tudo quanto não desejava da vida – limitações, renúncias, sacrifícios compensados por pequeno sucesso – mas também simbolizava uma certa vitória sobre si mesma. Por

isso, no momento de tomar a decisão, Leila hesitou, oscilando entre o medo e a alegria. Deixando nossa vida, desfazendo-nos de nossos objetos e compromissos, seremos capazes de nos reencontrarmos mais adiante? Ao peso da pergunta resistia a alegria de entrever a aventura e a possibilidade de recomeçar tudo de novo.

Dentro de mim não havia nada além da necessidade vital de deixar tudo aquilo, dominado, como um pássaro, pelo instinto de que o dia da migração se aproxima.

Somente uma vez esse sentimento vacilou. Fôramos almoçar com a mãe de Leila para lhe dizer que tomaríamos o avião dentro de poucas semanas. Na hora do cafezinho, aproveitando um momento de silêncio, tentei convencer Dona Vilma de que a bolsa de estudos representava uma oportunidade muito interessante e poderia ser uma experiência única na minha vida profissional.

— Sou invejado por ter a sorte de poder trabalhar seis meses ou até um ano com o Professor Gubbels. É um cientista mundialmente conhecido...

Tentando interpretar o olhar úmido e imperceptivelmente melancólico da Dona Vilma, sentia-me culpado. Não sabia, porém, se era acusado por estar afastando sua filha, tirando-a de sua sombra, ou por estar mais uma vez evitando enfrentar os fatos, fugindo para não ser obrigado a assumir minha própria situação. Talvez fosse acusado por tudo isso simultaneamente, talvez por nada. De fato minha sogra nunca me fizera uma observação nesse sentido; mas eu mesmo sabia o quanto minha maneira de ser destoava a seus olhos, e adivinhava aquilo que no fundo ela desejava para sua filha. Minha vontade era lhe dizer, Dona Vilma, a senhora tem razão, nunca conseguirei ser nada se ficar perseguindo eternamente um fantasma, os sacrifícios materiais nesse caso não se justificam, bem que eu poderia me dedicar a uma atividade mais rentável e promissora, eu sei. Em tudo lhe dou razão. Mas preciso recomeçar mais uma vez. Preciso desta última ocasião

para uma tentativa derradeira. Ainda não posso virar a página, Dona Vilma.

Como sempre, a mãe de Leila não disse nada. Aos outros membros da família relatou os fatos com objetividade, sem entusiasmo ou desânimo na voz, enquanto os convidava para o jantar de despedida. Um grande jantar no seu jardim, em que o ausente notável foi meu pai. Era o feitio dele, tinha sempre contratempos.

Nessas vésperas de viagem, estivemos apenas uma vez com meu pai. Chegamos em sua casa já no fim da tarde. No primeiro momento estranhei seu olhar impaciente, mas logo fiquei sabendo a causa. Estava interessado na declaração, há muito prometida pelo governador, e nós chegamos bem no momento do discurso.

— Vocês se incomodam de ouvir o discurso comigo? Depois conversaremos.

Diante da televisão, fiquei olhando a careta de concentração do meu pai. Seu semi-sorriso acentuava as rugas desenhadas em vermelho por uma pincelada do crepúsculo entrando pela janela. Provavelmente ainda não tinha saído naquele dia. Sua barba não estava feita e a ponta dos pelos brancos brilhavam como lâmpadas minúsculas. Sobre os móveis e os objetos havia uma tênue película de poeira e, apesar de tudo estar no lugar de sempre, o apartamento dava uma estranha sensação de desordem. Naquele dia vi pela última vez a solidão do viúvo.

Terminado o pronunciamento, apagou a televisão, fez um rápido comentário e logo mudou de assunto.

— Então, quando é que vocês vão?

Disse-nos que achava importante nosso programa, com um alcance formidável, e que estava muito entusiasmado.

— São passos qualitativos da vida.

Leila e eu sorrimos, um pouco perplexos de como pudera avaliar a “importância” do que faríamos. Na verdade, nunca nos dera oportunidade de lhe contar uma história coerente, interrompendo-nos sempre para explicar seu ponto de vista, o porquê de sua análise, ou contar um caso que o assunto lhe lembrava. Meu pai era assim. Do pouco que escutava, fazia imediatamente um síntese, procurando cercar o que julgava essencial e deixando o resto de lado. Suas palavras traduziam seu sentimento com sinceridade, eu sabia disso, mas sabia também que logo êle concentraria sua atenção novamente no discurso do governador, anotando suas observações e talvez produzindo na íntegra o artigo do dia seguinte.

Naquela noite meu pai se emocionou quando fomos embora. Coitado, a ideia de que nossa vida não era aquilo, com poucas coordenadas, estável e transparente, nunca lhe atravessou a mente. Sabia que eu era uma pessoa complicada, acompanhou minha infância e portanto conhecia minhas angústias. Passava no entanto por cima delas tão rapidamente quanto eu. Tinha consciência do drama da vida de cada um, mas em última análise, pensava, é a vida de cada um e é assim mesmo. Por que indagar sobre razões que estariam além daquelas que os simples fatos já fornecem? Apesar de sangrar unicamente pelo bico da pena, meu pai era um homem de ação: largava leões e gladiadores na arena de sua alma – e que vença o melhor!

Olhando pela janela, vejo esgueirando-se por detrás das nuvens o olhar globoso da Dona Vilma, o olhar rápido de meu pai, o olhar da Leila. Com a mão sobre a minha, Leila sorri e respira fundo. Seu coração, como o meu, está ávido e leve, tão leve quanto o avião, pousando suavemente suas toneladas.

2

O aeroporto de Schiphol-Amsterdã é moderno e funcional. Em poucos minutos havíamos passado pela alfândega, recolhido as malas e tomado um táxi. Na sua carta, Gubbels nos prevenira que não poderia nos esperar; não havia razão, porém, para nos preocuparmos, tudo estaria preparado para nossa chegada. Devíamos tomar um táxi e seguir para o tal endereço.

O céu está coberto e a luz da tarde parece indecisa. O motorista tem um enorme bigode e quase sem se mexer dirige o carro em alta velocidade na estrada que liga o aeroporto ao centro. No painel há um rádio e uma voz feminina transmite continuamente mensagens, quase cantarolando entre dois clics.

- Afinal você conseguiu o que queria.
- Não é o que você queria também?
- É. Mas me sinto feliz de pensar que é o que você queria e obteve.

É, sim, Leila: como eu, você sabe que as pequenas vitórias têm grande valor quando a vida acumulou demasiadamente as pequenas frustrações. E você sabe que não é verdade, não foi você quem quis deixar tudo. No fim você acabou querendo, mas você teria preferido que eu fosse capaz de vencer minhas dificuldades no Rio mesmo, que encontrássemos ali, na nossa situação, uma alternativa. Você acabou querendo, mas nunca sentiu, como eu, a necessidade irremediável de não aceitar a vida que foi a nossa durante os últimos três anos. Com sua sabedoria, você soube assumir tudo.

O porteiro do pequeno edifício estava à nossa espera e, ao entregarmos as chaves, explicou-nos num inglês arrevesado que devíamos tomar o elevador até o último andar e depois subir um lance de escadas.

Na água furtada, portanto, nossa moradia se compõe de um quarto amplo, uma pequena sala, um banheiro e uma cozinha. Sobre a mesa da sala, com o mapa da cidade, encontramos uma nota do Professor

Gubbels, desejando-nos boas-vindas e dizendo que nos telefonaria dois dias depois, na segunda-feira, cedo. Na geladeira encontramos um litro de leite, meia dúzia de ovos, manteiga, geleia e, sobre a mesa da cozinha, uma caixa de torradas. Não está mal como recepção, penso, observando a reação da Leila. Mas ela se sabe observada e evita manifestar suas sensações enquanto abre gavetas e armários para verificar o estado de limpeza. Vencendo a tentação de perguntar logo se está gostando ou não, resolvo me encostar à janela e contemplar o parque vasto, do outro lado da rua.

Enfim, Otávio, chegou o momento tão almejado. Espero que agora você se julgue suficientemente distante para fazer um balanço completo e enfrentar a questão. Não é o que você queria?

Falando-me nesse tom, pareço me acusar de alguma coisa, mas isso não se justifica. A ruptura era necessária. Conhecer Leila, me apaixonar por ela, viver com ela em Berkeley – tudo isso me permitiu uma profunda introspecção e me trouxe um equilíbrio sereno, um estado de graça, que me tornou possível um trabalho bem sucedido na pesquisa. Ao mesmo tempo descobri com ironia – ou, mais precisamente, com esse sentimento indeciso entre a angústia e a indiferença –, descobri que não salvaria o mundo, nem eu, nem os que comigo haviam dado com ingenuidade uma parte de si a uma luta generosa e pura e por isso mesmo fadada ao fracasso. Com Leila entendi que a vitória é a única portadora do bem e que as razões justas, quando condenadas à derrota, arrastam com elas toda espécie de degenerescência. Descobri que não salvaria o mundo, mas não pude me conformar em ser então despedido pelo destino, em abandonar assim a busca do sentido da vida. Leila viu que, apesar de tranquilo, de certa forma eu me sentia perdido. “Você ainda não me ama como eu amo você. Porque você ainda não dispõe de você mesmo”. É verdade, de repente eu havia me recuperado, depois de longa ausência, voltara a mim mesmo, mas não sabia como fazer uso disso, nem para quê. De fato tomei consciência disso tudo somente quando chegamos ao Rio. Enquanto permanecemos em

Berkeley, o simples exercício da introspecção concentrou o meu ser, que ficou portanto subtraído a quaisquer interrogações que não fossem diretamente ligadas às peripécias que minha mente realizava a todo instante para resolver equações e demonstrar teoremas. No Rio, porém, foi impossível manter essa ginástica. Durante os primeiros meses ainda tentei desesperadamente afirmar a imagem de cientista que trouxera no bolso como solução para manter uma certa distância da realidade imediata e poder continuar voltado para a questão maior. Publiquei logo um artigo, confiado em que o melhor incentivo seria o sucesso e que, revelando-me um verdadeiro pesquisador, a universidade me pouparia responsabilidades administrativas e burocráticas. No entanto, se meus colegas aceitavam e prestigiavam a imagem que lhes oferecia, eu mesmo não me enganava. Paradoxalmente, não era a “realidade imediata” que me distraía – minhas vísceras haviam enterrado de fato definitivamente a revolução. Perto de minha gente, ouvindo em volta de mim a minha língua, revendo Dona Vilma, João Eduardo, José Cândido, meu pai, meus colegas de faculdade, compartilhando com eles os problemas do dia a dia, senti que a questão maior se desagregava, que quaisquer tentativas de formulação desmoronavam. Assim, passei mais de dois anos convivendo com um estranho dentro de mim. Como aceitar essa situação? Tão logo havia me aproximado de mim mesmo, tão logo me reconhecera, sem solução de continuidade, vira desmaiar minha silhueta e não soubera mais me situar. Havia outra alternativa além da ruptura?

No parque um vulto se desloca entre as árvores. É um cego, andando com a extremidade da bengala branca diante dos pés.

Encostado à janela, observando Leila desfazer as malas, penso no nosso apartamento do Rio e me lembro do dia que o vimos pela primeira vez, vazio. Tínhamos chegado de Berkeley e estávamos procurando um apartamento. Todos os que visitávamos, se Leila não os julgava pequenos demais, eram extremamente caros e fora de nossas possibilidades (de fato, de minhas possibilidades).

Afinal alugamos aquele, porque, embora não fosse barato, ainda era abordável. Tomamos a decisão juntos, mas Leila não podia se sentir satisfeita. Desde Berkeley que desejava ter um filho e, apesar da minha falta de entusiasmo, viera com o firme propósito de fazer-me compreender o que isso significa para nós e de levar a cabo seu projeto. Alugar aquele apartamento acarretava a renúncia ao projeto – ela não podia conceber ter uma criança dentro de espaço tão diminuto e em condições tão diferentes das que havia imaginado – e tudo isso lhe passava pela mente enquanto o visitávamos, tentando comparar e avaliar.

Depois povoamos o apartamento de objetos e atitudes e nele se instalou a rotina da busca de respostas sem questões. A pequena sala servia também de escritório. Colocamos uma mesa e duas cadeiras perto da janela e combinamos de que lado cada um dos dois ficaria. Leila no entanto pouco frequentou a mesa que em pouco tempo desapareceu sob meus papéis. Foi sentado ali, numa noite quente e úmida, contemplando com desânimo uma pilha de provas para corrigir, que a ordem se impôs com evidência: Otávio, você precisa ir embora.

Leila estava deitada no sofá, lendo. Hesitei um instante, calculando que ela se sentiria angustiada, mas era necessário falar-lhe sobre o assunto. Pensei em vários argumentos para convencê-la da necessidade de ruptura. Calei-me, porém, entendendo que ela estava tão ciente quanto eu da nossa situação e sobretudo da minha insatisfação. Eu sabia muito bem, inclusive, que ela concordaria em mudar nosso programa de vida. Contudo, ela não entendia a necessidade de ir embora.

Colocando o livro no chão, levantou-se do sofá e veio me fazer uma massagem na nuca, sabendo que esse era o melhor remédio no final de um dia carregado.

— Ir para onde?

- Não sei... Leila, minha mina se esgotou.
- Tua mina se esgotou ou é preciso cavar mais fundo?
- Só cavando mais fundo posso te responder. Você não gostaria de ir embora?
- Vou para onde você for.
- Mas eu gostaria que você também tivesse vontade.
- Mas é claro que tenho vontade...

Não falamos mais no assunto até o dia em que recebemos uma carta de um antigo colega de Berkeley, contando achar-se de passagem pela Holanda, onde soubera que havia um concurso de bolsas para pesquisas em algumas disciplinas das ciências exatas. Pensara em nós, em virtude de vários especialistas que trabalham lá e estudam assuntos ligados à nossa especialidade. Fomos logo falar com Otto Caldas, nosso diretor, a quem relatamos o que sabíamos, explicando que precisávamos de três cartas de apresentação que acompanhassem nosso currículo e um projeto escrito de pesquisa. Uma das cartas deveria ser escrita por ele, na qualidade de Diretor do Instituto, e as outras duas por pessoas de fora, pelo Jacob Levy, por exemplo, nosso antigo orientador em Berkeley. O Otto disse que pediria a terceira carta ao Augusto Kleber, da Universidade de São Paulo, aproveitando para testar dessa maneira a boa vontade do novo diretor do departamento de lá.

Podíamos contar sempre com o entusiasmo de Otto, grande animador de todas as atividades e pesquisas. Sua boa vontade foi até além do que esperávamos:

- Escuta Otávio, descobri ontem que a Universidade pode continuar pagando vocês dois se eu falar com o Reitor. Verifiquei que ele pode decidir sobre os afastamentos com vencimentos sem consultar ninguém oficialmente, basta vocês assinarem um termo comprovando que voltarão para o Instituto.

A manobra era lícita, sobretudo porque eu sabia que sua intenção

era mesmo ajudar-nos a obter um pouco mais de dinheiro. Nunca pensou que poderíamos não querer ou não poder voltar. Por isso reagi positivamente, mas quando contei à Leila ela não gostou daquilo.

— Mas que é que você está achando?

— Não tem importância.

— Como não tem importância? E se quando voltarmos para o Brasil...

— Você não me deixa acabar... Não tem importância porque, se recusarmos, ninguém entenderá. Em segundo lugar, se não estivermos de volta na data estipulada ou se a situação for outra, então trataremos de dar um jeito. Com ou sem papel, as pessoas estão aí e por isso será necessário adotar um procedimento certo na hora certa.

— Você quer mesmo ir embora?

— Você não quer?

— Quero, sim.

3

Leila inspeciona os armários, verificando se estão limpos, se os cabides são suficientes e se as gavetas estão forradas.

— Vem ver o pôr-do-sol.

Leila se encosta em mim e olha em silêncio as linha vermelhas se esgueirando entre as nuvens densas. É quase impossível adivinhar o traçado do parque, povoado de grandes massas de sombras compactas.

Em pouco tempo desfizemos nossas malas e depois de hesitar um pouco – o cansaço vencendo o ímpeto – resolvemos que comeríamos uns ovos duros e esperaríamos o dia seguinte para sair. Abrindo os armários da cozinha para procurar pratos, talheres e panela, botando a mesa ou acendendo o gás, não podíamos deixar de indagar sobre o que nos contariam esses objetos, que destino previam para nós. Apesar das aparências, não acredito que nos recebessem com uma indiferença tão grande como a nossa curiosidade um pouco constrangida.

Eu já estava deitado, estudando o mapa da cidade e Leila ainda arrumava uma gaveta, quando entendi que as decisões, apesar de arbitrárias, têm razões que são como raízes profundas, entrelaçadas dentro do corpo.

— Escuta, você não quer deixar essa arrumação para amanhã?
— Tem razão. Também estou cansada e preciso me acostumar a este lugar.

A luz abafada do quarto atenua os ângulos e envolve de mistério o traço seguro mas livre e indolente do pescoço, dos seios, do ventre, das cadeiras, das coxas, das pernas, à medida que ela se despe e vem deitar-se comigo. Ela é fina e bastante alta, o abdome longilíneo, a quadratura quase imperceptível dos ombros é bem compensada pela curva harmoniosa dos quadris e pela perfeição das nádegas.

Entre todas as carícias, prefere apenas encostar seu corpo no meu e ficar assim imóvel alguns minutos. Depois ela sabe abandonar-se e podemos brincar e improvisar, tecendo e destecendo caminhos e direções, nos quais o prazer difuso busca identidade, dilatando-se desordenadamente até o momento em que de todos os ângulos faz-se a convergência para um mesmo cume, drenando a diversidade das forças. Aí o gozo cresce por dentro, ocupa o espaço, elimina o tempo.

4

Uma faca de sol passando pela fresta entre as cortinas inspeciona lentamente o quarto e, caindo sobre nossos rostos, nos acorda por volta do meio-dia. Apesar da situação singular, temos dificuldade em acordar. Leila se levanta e abre as cortinas e sua silhueta contra o sol é a primeira imagem que me vem impressionar as retinas. Vejo que ela está se deliciando com o afago do sol sobre os seios e sobre o ventre. Mas essa labareda logo se extingue e sua vontade é sair, andar, correr, olhar, como uma criança, maravilhosa criança:

— O dia está lindo! Vamos dar uma volta?

— Se você quiser podemos ir a pé até um dos restaurantes indicados aqui no mapa. Estou vendo um chamado Vandermonde, como o matemático.

— Ótimo.

Os passos da Leila são tão grandes quantos os meus. Todo seu corpo tem um balanço particular. Seus seios, sem agitação, levam um ligeiro susto a cada passo. Guiando-nos sem dificuldade pela linha que tracei sobre o mapa, descobrimos as ruas de Amsterdã.

Quando o corpo é muito solicitado pela circunstância exterior, o espírito, restabelecendo o equilíbrio, volta-se para o mais fundo do interior. Leila fala de sua infância e da morte de seu pai como nunca o fizera antes. Nesse dia, que sucede ao termo do passado mas que ainda não entalha o futuro, ela encontra a liberdade para pensar, em paz consigo mesma, naquele marco da vida.

Faz frio e o vento brinca de entrar por onde pode. As bochechas, a ponta do nariz, as pontas das orelhas, em boa aritmética: cinco pontos vermelhos, o sorriso em harmonia com a estação, contrário ao frio, completamente primavera, Leila sente a alegria da intimidade de contar a dor passada:

— Me lembro de uma sensação desagradável. Várias pessoas sentadas nas cadeiras ou no chão, um sentimento de estranheza. O rosto duro

da tia Ivone, naquele tempo ela ainda tinha cabelos pretos, o penteado sério, o olho doce e doído. Sabe, naquele quarto à esquerda da entrada, naquela época era uma espécie de sala de estar com televisão, uma das primeiras aliás. Depois me contaram. A ausência de meu pai foi uma dor surda, um acontecimento calado. Quando, não sei como, perguntei a mamãe, ela tentou me explicar e guardei uma ideia de tempo. Mais tarde disse a ela que estava feliz, porque o tempo ia passando e estava chegando o dia de papai voltar.

Assustada, ela não podia compreender porque tia Ivone não a tinha chamado como sempre, para sentá-la nos joelhos e dizer-lhe com voz mansa: “Você está tão bonita hoje com essas tranças e esse vestidinho de flores”. Alguma coisa acontecera, o silêncio invadiu a casa, foi tão súbito e ela se assustou.

Não resisti à velha curiosidade:

— Você sabe bem como foi o acidente?

— Não... Quando a gente é criança, evidentemente as pessoas não nos explicam as coisas direito e depois a gente se esquece ou quando se lembra, evita de falar no assunto para não incomodar os outros.

Sei apenas que ele dirigia os trabalhos de perfuração com tanto entusiasmo que tomara parte neles. Não sei se foi uma queda ou se alguma coisa caiu em cima dele..., foi um acidente. Você pode imaginar? Eu tinha quatro anos e ele foi trabalhar, como todas as manhãs, e nunca mais voltou. Pensei que ele ia voltar mais tarde, quem sabe... Meu sofrimento maior, depois, foi entender que ele não voltaria mais. Eu, eu é que teria de ir ao seu encontro...

— Mas quem deu a notícia a sua mãe?

— Não sei, mas a primeira pessoa a saber foi tio Artur, foi ele quem tirou a aliança de meu pai para mamãe. A sorte dela – e a minha também, foi ela estar grávida do José Cândido. Porque, apesar do sofrimento, o medo de perder a criança ajudou-a de certa maneira a resistir.

— E no entanto ela não dá a impressão de ter uma força sem limite.

- Acho que ela esgotou completamente a força naquele momento.
- Você tinha quatro anos e se lembra de tudo...
- De tudo! Pelo menos de quando ele morreu. Dele mesmo, antes, me lembro relativamente pouco, mas guardo algumas imagens bem nítidas. Uma vez estávamos almoçando os três, ele mamãe e eu. No fim do almoço, ele se levantou com uma maçã na mão e, quando chegou perto da porta, deu uma mordida na maçã e, assim com os dentes fincados nela, me olhou e piscou o olho. Achei graça e ri, mas hoje quando penso nesse gesto, tenho a impressão de que ele estava me dizendo adeus, brincando e despedindo-se, e não consigo conciliar dentro de mim a alegria da brincadeira com a gravidade da despedida.

A morte do pai foi um solavanco, mas no momento ela não sofreu. O sofrimento cresceu com ela, passando da infância e da adolescência à maturidade: do impacto e da interrogação à aceitação.

O Vandermonde não é um restaurante muito grande. O chão cor de tijolo, as mesas verdes, uma lareira. Algumas mesas estão desocupadas e sentamo-nos perto de uma das janelas, de onde é possível ver o movimento na rua. Mas nosso olhar está todo voltado para dentro. Depois de escolhido o menu, ficamos longamente em silêncio. Leila não sorri mas está radiante. Seus lábios pequenos e carnudos são desenhados por uma linha trêmula que contrasta com outra, reta, do nariz grego. Tem olhos sempre assustados, com olheiras marcadas por um só traço, simples e direto, denunciando a vivência e sublinhando a pureza do ser. Os cabelos lisos e grossos, fofos – ela é bonita, sua emoção me emociona. Quando nos conhecemos e nos tornamos amigos, um dia me disse, simplesmente: “Me sinto bem com você”.

Leila é uma mulher desenvolta – esta é a palavra que melhor a define. A facilidade que tem de impor sua medida é singular. Facilidade de quem compreendeu, sem explicação, porque foi preciso compreender. O inexplicável, vai dizer quê? Sua desenvoltura foi ganha na batalha contra o susto e o medo da insegurança, o medo do momento em que alguma coisa ia acontecer, mas não se sabia quem nem quando. Talvez

seja essa uma das diferenças entre nós que mais nos torna semelhantes um do outro. Minha infância e minha adolescência se banharam continuamente num mar de palavras. Mas ao fluxo segue o refluxo: a enorme dificuldade do raciocínio, do propósito claro, miopia da mente. Assim, na adolescência, meu coração atingiu o crescimento máximo e seu peso me esmagou a mente. Mais tarde, porém, a minha necessidade de me aceitar levou-me a nadar contra a corrente interior. Daí, no início dessa reação, a violência do ato voluntário: dezoito horas de meditação e silêncio, cinco de sono, mês após mês. Depois o rigor da dialética, permitindo-me, contudo, conciliar a necessidade de ascetismo com as banalidades da vida quotidiana. Leila, no polo oposto, envolta na infância pela coisa que não é dita, atenta a captar o gesto, o acontecimento brotando do subentendido. Sua reação: dar nomes, substantivos, adjetivos, adverbial a vida. Na adolescência, dia da revolta, mas também da reconciliação, ela conseguiu integrar em si a coisa que não foi dita, a compreensão como a compreensão do fluído, da atmosfera, sem coisa designada.

— Evidentemente não posso comparar, mas guardo da morte de Olga essa sensação de acontecimento calado. Você pode imaginar? Ali, diante de mim... Foi tremendo, horrível. Tive a impressão, naquele momento, que tudo se desmoronava.

Sufocado pelo impacto, eu duvidara. Nenhuma revolução vale a vida de um ser generoso, de um ser-dádiva. Como, revolução? Mas justamente perdemos a ferramenta, com a vida se extingue o amor, que é sua doação. E depois? No momento minha resposta jorrou como um vômito incontrolável, um berro de dor: NÃO HÁ NADA. No entanto, depois da dor vem a razão. E pensei que nenhum acontecimento é vão, cada dia são alguns milímetros ganhos, tarefa ingrata, resultado magro, coitado do sujeito que se lançar nessa aventura, coitado nada, viva, viva esse sujeito, porque ele sabe, cada dia, hoje, alguns milímetros a mais, amanhã alguns outros, somando-se aos de ontem, fôlego! A história não é euclidiana, sua marcha é uma dança, que avança inexorável, volteando, gingando, pulando. A

morte de Olga dividiu as águas: algumas semanas depois, chegando a Berkeley, a opção apresentou-se a meu assentimento e parei de projetar ou programar, os problemas de tática não me interessaram mais, e toda a organização da minha vida submeteu-se a um trabalho contínuo e intolerante.

— Tinha a impressão que não podia mais pensar, ou melhor, que podia pensar somente para fazer o inadiável e executar um certo número de tarefas, um pé na frente e outro atrás... Não me era mais possível pensar para compreender. Antes a interrogação do significado de cada coisa me assaltava e não me largava. Depois, o que às vezes me assaltava era a angústia de estar liberado de repente de todas as interrogações... Mas tudo já passou. Agora o importante é estarmos juntos.

— Tem certeza? – Leila responde com um sorriso que vence a resistência dos músculos, pondo a nu os dentes brancos e regulares, iluminando os lábios, o olho brincadeira-provocação.

O Vandermonde fica na esquina da Kalverstraat e do Heiligeveeg, no coração de Amsterdã. Apesar do frio, as ruas desse centro tranquilo estão cheias de gente. A animação é grande, sem todavia alterar a paz do ambiente em que todo mundo se mistura. Os holandeses são desses povos raros que aliam a alegria à civilidade. Talvez por causa da Companhia das Índias, eles entrosam bem o corpo meridional com a alma nórdica.

Voltando pela Leidsestraat, tomamos a direção do Rijks. “Veneza do Norte”: nessa parte da cidade os canais se dispõem em semi-círculos abertos sobre o porto; entre eles se espremem ruas estreitas e um universo múltiplo de restaurantes e bares, de pequeno comércio, de casas de tolerância, das célebres vitrines onde as prostitutas se expoem, de galerias, bibliotecas e escritórios. Leila e eu, agora absorvidos por esse espetáculo, seguíamos novamente a linha traçada, aceitando porém os desvios impostos pela curiosidade.

Por insegurança ou porque nosso conhecimento se faz por justaposição de sombras, diante do desconhecido procuramos reconhecer semelhanças, parentescos, e assegurarmos de que somos apenas parcialmente estranhos. É verdade que semelhança devia haver, pois Leila e eu pensamos ao mesmo tempo no Beco. Foi no fim da Leidsestraat, na Leidseplein, uma praça simpática, cortada por trilhos de bonde em todas as direções. Nela desemboca uma ruela cuja especialidade são os cabarés, um ao lado do outro. Leila teve a reação mais rápida:

— Olha, parece com o Beco.

Mais precisamente, o Beco das Garrafas. Beco mesmo sem saída, entre dois edifícios da rua Fernando Mendes, onde se sucedem pequenas boates do lado direito de quem olha. A única que funcionava no domingo de tarde era o Little Club, última porta no fundo do Beco. Lá dentro a vibração atingia a intensidade da explosão. Fora, percebiam-se apenas algumas notas fugidias, quando alguém entrava ou saía. Talvez lá do outro mundo Dolores Duran protegesse aquelas tardes. Não tenho certeza se o Little Club tinha pertencido a ela, mas lembro-me que a famosa Bochecha cantou ali muitos de seus grandes sucessos. Agora resta apenas seu retrato na parede, o olhar condescendente e petrificado, abençoando os músicos que vêm tocar jazz por prazer e tomar o gim-tônica ou o uísque que a casa oferece. O Cipó, enorme, sempre sorrindo, deixando escapar do seu sax um longo mugido chorado, no estilo do velho e bom swing. O Vítor, com o queixo arrastando no chão, pensativo, a improvisação tão bem construída e com tanto sentimento que as notas parecem sair mais do peito do que do sax. A alegria do sax do Juarez, seu be-bop virtuoso. A tristeza indecisa do sax do Paulo. O Robert, com sua barbicha trotskiana, falando pelos cotovelos com carregado sotaque francês, sabe-tudo do jazz no Rio. O pistom maduro do Cláudio, pegando um fio, puxando devagar, depois fazendo vibrar, mais e mais ainda, para cair, dilatar-se em notas graves, e novamente pegando outro fio, a influência indispensável do Miles. O trombone do Edson largando

o ronco da alma. O piano feito de blocos do Tenório. O fraseado do Aluísio. A bateria do outro Vítor, que morreu triste e dormindo. A bateria do outro Cláudio, que de repente se largava andando sozinha e deixava todos para trás. O baixo do Sérgio. A guitarra do Helinho. E tantos outros, muitos que sumiram, muitos que esqueci. A pequena sala do Little Club está literalmente repleta. Gente proveniente de todas as origens e todos os meios aglutinada. No começo escutamos a música e nos deixamos envolver por ela, mas logo mais cabeças, braços, pernas, mãos, copos, mesas, cadeiras, estarão misturados no rodamoinho louco.

- Acabaram-se os domingos do São João Batista e do Little Club.
- Acabaram-se mesmo? – Leila olha-me com espanto.
- Pelo menos por enquanto.

Aos domingos, no Rio, além das tardes no Little Club, passávamos as manhãs com meu pai e íamos juntos visitar o túmulo de minha mãe.

A uns duzentos metros da entrada principal, um pouco no alto, o túmulo de mamãe é sóbrio e discreto. Assim me pareceu já na hora do enterro. Desse dia guardo uma imagem de pedra e sol, pedra e sol e mais nada. A luz envolvendo tudo, impalpável, implacável, de retas perfeitas, paralelas ou cruzando-se, batendo com força na pedra feita de ângulos e formas – santos, anjos, cruzes, bustos, caveiras. Nelas as linhas de luz batem e batem de novo, pulam e rebatem, martelar frenético, sinfonia ensurdecadora, interrompida apenas pelo barulho das rodas da carreta levando o caixão e pelo tropel dos passos da pequena multidão que nos acompanha. Diante daquele espetáculo grotesco de túmulos se sobrepondo a outros – mármore se digladiando – e que parece o resultado da ação de uma força gigantesca que teria amarrotado uma imensa laje de pedra, criando ao acaso formas caóticas; diante daquela visão, enquanto o padre pronuncia uma última oração, tenho o sentimento de que esse caos não é senão o reflexo da luta intestina que se trava debaixo da terra que está debaixo da pedra. Luta de vermes, luta de corpos

pelo retângulo que lhes é aferido, pelo espaço vital, melhor ou pior, de mármore branco e vermelho ou de cimento e cal, em grupo, num mausoléu, ou a sós, reduzidos a cinzas e engavetados num muro. Eliane Xavier Sampaio, como morreu moça! Sobre o túmulo papai tinha preferido inscrever somente o seu nome e as datas: Eliane Xavier Sampaio, 1910 – 1951.

Vejo no olhar de Leila que ela continua assustada com minha observação.

— Talvez quando voltarmos, se você quiser Leila, retomaremos os domingos de São João Batista e de Little Club, mas sinto que era necessário romper com a rotina, com essa espécie de vício.

Vício? Foi uma das crianças que disse à outra e levei um tranco com a frase: “Estão dando uma injeção de heroína nela. Tio Carlos diz que vicia”. Horror! Depois de tanta dor, tanto gemido lento, gutural, a heroína massiva trouxe-lhe às últimas horas um véu de paz e o corpo morreu imperceptivelmente. Estranho, papai parecia sorrir com aquela careta de dor. No seu olhar uma interrogação parecia brincar. Na verdade o sofrimento desafiava sua resistência enquanto recebia abraços emocionados. Centenas de pessoas em fila, entrando, cumprimentando, sentando, conversando em voz baixa, a vergonha da dor, o gesto furtivo, o sussurro mastigado, contido, entrecortado. O preto proibindo as outras cores, vestindo com traços largos e espessos, se amarrotando em pregas paralelas contra o corpo transpirado, apagando um rosto que se contrai. Uma prece e o peso da pálpebra celebrando o elo com o mistério da morte. A morte que passeia entre os convivas, discretamente os interroga, sondando o destino de cada um, querendo saber da culpa, da responsabilidade, do fracasso e do sucesso, dando a bênção e recebendo pelo olhar pálido, pelos lábios descorados, pelo tédio, pelo aceno vagaroso da cabeça, recebendo de todos os protestos silenciosos de respeito.

O rito, do mais simples ao mais inextricável, é o modo pelo qual o

homem simultâneamente percebe sua situação e evita ser destruído por ela. Foi o que pensei, sentando-me, esgotado. Para qualquer fato há um esquema armado, específico a ele e por esse esquema o homem se apodera do fato. São as frases feitas, os gestos preestabelecidos, as atitudes pressupostas. Pelo rito o homem se condena a enfrentar a realidade do acontecido, ao mesmo tempo que se libera do acontecimento. Impomo-nos a constatação, talvez dolorosa, talvez alegre, sempre direta, concreta e material, do acontecido, mas também no rito vemos a resposta para o mistério do acontecimento. Reconhecemos a parcialidade da resposta, mas não importa, porque o rito é a prova de que o acontecimento transcende o indivíduo, pertence à espécie, tem dimensões que o sujeito sozinho não pode alcançar e de que o mistério, no fundo, é apenas uma ilusão de ótica provocada por essa incomensurabilidade. A vida, o amor, a morte, como abrangê-los quem vive, ama e morre? Pelo rito nos descarregamos do peso do acontecimento, mesmo se o acontecido nos causa felicidade ou sofrimento. E o rito não precisa pertencer à religião ou a regras sociais. A todo momento estamos concebendo e executando um rito. Por exemplo, você, Otávio, que é que você está fazendo?

O que diferencia o homem é sua atividade. Não pode ficar passivo, precisa mexer na ferida, não concebe – e talvez tenha razão – que a ferida possa sarar sozinha. E mexe na ferida para intensificar a alegria ou a dor, sublinhando o gozo ou a infecção, exacerbar a harmonia ou o conflito e o mistério, para exorcizar o bem e o mal. O rito é o modo, preconcebido ou espontâneo, pelo qual a alegria, a dor, o gozo, a infecção, a harmonia, o conflito, o mistério se sublinham, se intensificam, se exacerbam. Que é a razão senão o rito, poder de presença e distância simultâneas? Que é a palavra senão isso? Nisso está a superioridade desse ser duplo que é o homem: de um lado encontra-se numa situação dada; de outro, percebe essa mesmíssima situação, surpreendendo a própria natureza, capturando o acontecido. O rito é o processo pelo qual o corpo se entrega à sua situação, aceitando-a sem que entretanto o espírito se dissolva nela. É

o processo de cisão e decomposição analítica através do qual a todo instante o indivíduo procura sua unidade e identidade.

Foram esses os pensamentos que me distraíram durante aquela reunião fúnebre, sentado na capela do São João Batista, exausto.

5

Voltamos pelo mesmo caminho. Leila ficou calada durante o resto do passeio. Senti que estava emocionada, mas preferi não perguntar nada. A resposta contudo não tardou. Fechando a porta, não conteve as lágrimas e veio esconder o rosto no meu ombro.

— Por que falamos na morte?

— Já passou, já passou.

— Tive o pressentimento que alguma coisa horrível ia acontecer.

— Não vai acontecer nada. Falamos na morte, depois você pensou em Dona Vilma, nos seus irmãos e ficou imaginando bobagens, né?

— Não, não imaginei nada. Pensei neles, é verdade, mas não imaginei nada. Foi uma sensação esquisita de que alguma coisa ia acontecer.

— Mas não vai acontecer nada.

Passamos o fim da tarde arrumando as roupas e papéis. Separei numa pasta os documentos que queria entregar a Gubbels: uma cópia mimeografada do trabalho de mestrado, um exemplar da minha tese de doutorado e outro do artigo publicado no Rio. Senti um nó na garganta quando pensei que deveria falar sobre o conteúdo desses documentos – tive medo de não dominar mais o assunto e de revelar involuntariamente meu estado de espírito.

Leila dorme profundamente ao meu lado. Tenho certeza de que a causa de sua angústia foi o cansaço. Afinal ainda não nos acostumamos com a diferença de horário e também saímos do Rio muito cansados. É por isso que não consigo dormir. Cenas do passado assaltam meu pensamento, deslocadas.

PUSH. A porta de vidro do restaurante universitário tinha uma barra transversal de alumínio, em que o imperativo PUSH estava muito apagado. Era preciso empurrá-la com certa força e tinha-se a impressão de que era necessário vencer além da resistência da mola, a pressão exercida pela barulheira, vozearia disforme de conversas amontoadas no ar, risos, gritos chamando e despedindo-se, e mais o tinir dos talheres, o chocalhar dos pratos, o atrito das garrafas, um

barulho infernal que vinha bater contra o rosto, trazendo uma soma incrível de cheiros diferentes. Paulo Tarso e eu fomos para a fila e, avançando lentamente, pegamos cada um uma bandeja de madeira numa das cinco pilhas de metro e meio e os talheres em grandes caixas, uma de garfos, outra de facas e a terceira de colheres.

— Você está vendo aquela garota de casaco vermelho? – diz Paulo, apontando com o queixo.

— A loura?

— Não, um pouco mais longe, conversando com aquele sujeito de óculos.

— Sei...

O casaco de lã vermelho, a calça de gabardine cinza um pouco desbotada, os fiapos à altura do tornozelo, sobre os mocassins, contrastando com o aspecto limpo e o cabelo bem penteado, Leila parece muito alegre, muito sorridente, conversando com o companheiro, um americano alto, de cabelo encaracolado, ar sujo, sapatos de tênis. De onde estava, eu via Leila um pouco de lado, com as mãos nos bolsos de trás, apoiada sobre a perna direita. Apesar da distância, podia adivinhar-lhe o brilho dos olhos, a firmeza dos seios, inchando levemente o casaco, a maciez das cadeiras, e ver-lhe o desenho do pescoço fino, a elegância dos gestos.

— É bonita.

— Ontem o Levy estava com ela nos procurando.

— Ah, é? Eu estava em São Francisco.

— É paulista. Chegou há poucos dias. Veio também preparar seu PhD, com uma bolsa da FAPESP. O Levy queria nos apresentar a compatriota e dizer a ela que devia nos consultar nas dificuldades correntes, porque, disse, somos veteranos cheios de mofo.

— Você conversou com ela?

Nisso Leila olha em nossa direção e Paulo acena, cumprimentando-a. Ela responde com um sorriso e um ligeiro movimento da cabeça.

Paulo me aponta, querendo dizer que eu era o ausente, ela me olha e faz um gesto mais perceptível com a cabeça, mas seu companheiro dizendo alguma coisa, desvia-lhe a atenção.

— Se houver lugar na mesa em que ela sentar, te apresento – diz Paulo.

— Se ela decidir se sentar numa mesa com lugares vazios você quer dizer. Talvez prefira ficar sozinha com o pernilongo... Você conversou com ela?

— Rapidamente. Eu já estava saindo e Neusa estava me esperando.

— Contou alguma coisa interessante?

— Nada de mais, o que já te disse, bolsa da FAPESP, parece que não foi difícil conseguir. Contou que está tudo bem na USP, parece que o Otto vai deixar a USP para chefiar o Instituto lá no Rio.

— E o Oliveira?

— Ela não sabia nada lá do Rio, mas disse que tinha quase certeza da mudança do Otto.

A fila foi avançando. Depois da bandeja e dos talheres, pega-se um prato que vai sendo servido por vários copeiros atrás do balcão, cada um com uma grande panela diante de si. No fim do balcão, depois de escolhida a bebida, apresenta-se a bandeja a uma das caixeiros que avalia o montante a pagar, segundo a composição de cada um.

— Eles se sentaram numa mesa praticamente vazia.

— Vamos.

Paulo me apresentou a Leila, que, por sua vez, nos apresentou a David. Sentamo-nos, e Paulo explicou que eu era o Sampaio que o Levy estava procurando ontem, mas de fato o único veterano ali era ele que já estava em Berkeley há três anos, pois eu havia chegado somente há seis meses.

— Cinco – corriji.

— Então você é quase tão novato quanto eu – exclamou Leila.

— Quer dizer, sabe, Berkeley é um lugar mínimo e tudo aqui é

pequeno, mesmo São Francisco, e em cinco meses já se pode conhecer o terreno.

— Mas eu conheço o terreno... Estive em São Francisco antes passeando, e visitei toda a região. Eu queria dizer que em relação ao trabalho você não é tão veterano quanto o Professor Levy me fez pensar.

— E você? Já tem um projeto de tese definido?

— Olha, até agora estive interessada em questões ligadas à teoria das transformações estatísticas e gostaria talvez de continuar nesse assunto, mas ainda não conversei com os professores daqui, vamos ver...

Suas unhas estavam cortadas rentes e as mãos finas executavam gestos ágeis, dobrando rapidamente uma folha de alface com o garfo e a faca, fincando com destreza o garfo no pacotinho verde. Ela estava com um anel no dedo mindinho da mão esquerda, uma lazurita ladeada por dois círculos de ouro em volta da falange. Era visivelmente um anel caro e contrastava com os punhos da blusa branca de linho surgindo por debaixo das mangas do casaco; muito limpos e bem engomados mas também muito gastos. Mastigando a sua salada, seus lábios se contraíam ligeiramente: Leila percebeu minha inspeção, mas não pareceu sentir-se incômoda.

— O Professor Levy me disse que você se interessa pela aplicações dos grupos e álgebras de Lie, né?

— Heim?

— O Professor Levy...

— É, é verdade.

Para fazer de novo a pergunta Leila tinha se inclinado um pouco para frente, as costas tesas, e adiantado o queixo, dobrando imperceptivelmente o pescoço – era a pequena impaciência que mais tarde conheci – e fiquei pensando que essa criatura tinha muita graça. Gostei da indefinível veemência da sua voz.

-
- Paulo me contou que você tem uma bolsa da FAPESP.
— É verdade. E você? Também tem bolsa?
— Não, vim com a cara e a coragem.

Sobretudo com a coragem de meu pai. Quando viu que a coisa ia ficar preta, telefonou para os amigos e conseguiu me colocar no avião. Mas entendi logo que se contasse a Leila minha história, ela se afastaria imediatamente. Não me enganei. Somente muito mais tarde, quando já éramos amantes, pude confiar-lhe um pouco o meu passado e isso provocou conversas infundáveis e inflamadas que degerenaram muitas vezes em briga.

- Vocês só pensam em destruir!
— Escuta, não me chama de “vocês”, que não sou membro de nenhum partido, e também não gosto que você me fale assim.
— Falo como quiser. E é isso mesmo, vocês só pensam em destruir!
— Fala, fala, vai falando. Não vou brigar com você, sobretudo porque tenho consciência que você não pode entender o que é luta de classes, a experiência que você tem da vida não lhe permite entender...
— Veja só! A experiência da vida! Ainda por cima pretensioso, presunçoso, superior! Luta de classes! Vocês não querem caminhar para a verdadeira justiça, querem brigar, dar vazão a uma agressividade infantil e destruir!
— Escuta, você não acha que está exagerando? E você, quem é você para julgar “nossa” agressividade? – perdi a paciência – Cresce e aparece! Sai do seu ovo, sua família não é o mundo inteiro.
— Cala a boca! Você não tem direito de falar da minha família – Leila já disse isso com a voz afogada e os olhos cheios de água.

Saí batendo a porta.

Leila é de uma grande família burguesa de industriais paulistas, como fiquei logo sabendo, pois falava muito na mãe, nos irmãos e nos parentes. O que me contava não foi suficiente, porém, para que eu entendesse determinados fatos. Por isso pegaram-me desprevenido

as palavras que Dona Vilma preparou para mim. Coitada, mais tarde quando a conheci melhor, pude compreender o quanto sofreu para pensar no que ia me dizer e para dizê-lo. Mas na hora não deixou transparecer nenhum sentimento de desconforto.

Hotel Saint Francis, Union Square, São Francisco. Leila e eu chegamos às onze e meia em ponto. Queríamos ser pontuais. Dona Vilma, João Eduardo e José Cândido tinham chegado na véspera, mas Dona Vilma insinuou-nos que era melhor falarmos no casamento no dia seguinte, com a cabeça e o corpo descansados.

— Se vocês vierem amanhã às onze e meia, poderíamos conversar e depois almoçaríamos juntos.

Os dois rapazes foram dar uma volta e nós três ficamos conversando na suite da Dona Vilma. O rosto sério, sem ser severo, eis minha futura sogra:

— Leila se casa com quem quiser. Na nossa opinião, essa é uma decisão que só ela pode e deve tomar. Agora, como vocês nos escreveram dizendo que querem se casar, tenho obrigação, Otávio, de resumir em algumas palavras algumas coisas relativas a nossa família...

Como devia estar se violentando por dentro! Mas o necessário tinha de ser feito, e seu rosto, desenhado por algumas rugas, emanava mais melancolia que dor. Estranho: olhando-a, via meu pai, sorridente, dizendo que o Rio tem dois defeitos: o calor e a família!

— ... o tetravô de Leila, João Fernandes Brito, veio adolescente para São Paulo e ainda muito moço fundou sua primeira serraria. Era um homem honesto, muito católico, com muito sentido de progresso, muita visão e muita capacidade de trabalho. Casou-se com uma brasileira e teve nove filhos, quatro homens e cinco mulheres, e todos fizeram estudos superiores na França. Foi assim que nasceram

nossa família e nossas empresas. Quando vocês voltarem, você terá a oportunidade de conhecer os membros da família. Somos todos muito unidos, como um clã, Leila deve ter lhe contado. Participamos todos de um projeto comum, ajudando-nos mutuamente, nos rumos mais diferentes. Desde a época do João Fernandes Brito, que era pessoa avançada para seu tempo, não se faz diferença entre mulheres e homens no que diz respeito aos estudos. Temos de tudo na nossa família, até mesmo políticos e artistas, mas todos contribuem com sua maneira de ser.

E a senhora, Dona Vilma? Agora sei como é sua maneira de ser, agora posso avaliar seu esforço. As coisas, aliás, nunca são como são ditas. Desconfio inclusive que falar delas seja uma maneira de afastá-las. Quem sabe a senhora desejava distanciar-se de si mesma? Fico olhando-a, com a sua maneira de ser, e pensando, pensando na maneira de ser de Carlos Tavares. Não pense que não estou lhe ouvindo. Pelo contrário, estou suficientemente distante para me aproximar. Suas palavras me transportam anos atrás e me trazem a voz empostada do Professor Tavares, crioulo bem construído, com o vinco da calça impecável e o nó da gravata caprichado.

— Unido, o proletariado tem força para derrubar a burguesia. Ora, como a História o demonstrou, a união é sua tendência natural. Por exemplo, uma fábrica! – sua voz sobe dois tons. – Vejam bem, o operariado de uma fábrica é composto de gente que não se conhece e que está potencialmente condenada à confrontação, visto que a concorrência divide os interesses das categorias que existem em função das especialidades e dos indivíduos.

O Professor Tavares acende um cigarro. Na classe pode-se ouvir o voo de uma mosca: é que o crioulo não brinca em serviço. Desde as primeiras aulas sua autoridade se impõe e além do mais suas punições são intolerantemente severas. (“Quem não estiver interessado e por ventura o manifestar conversando ou de outra forma pode apresentar-se ao Professor Osmar na secretaria e explicar-lhe que se retirou da

sala de aula por desinteresse. Depois eu mesmo irei confirmar”).

O Professor Tavares prossegue, voltando ao tom original:

— Mas há um elemento que une todos os operários da fábrica: o salário. Sua defesa, a defesa do seu valor real ou do seu aumento elimina a concorrência entre os operários e impele à concorrência entre eles e o capitalista. Vejam bem! – sua voz sobe novamente dois tons – pode acontecer que reivindicações de uma categoria não tragam, a curto prazo, benefícios para as outras categorias. Ora, a História mostra que nesse caso toda a classe se solidariza para defender os interesses daquela categoria, demonstrando assim compreender que, a longo prazo e sobretudo politicamente, está defendendo o interesse da classe como classe. Os interesses do proletariado, urbano ou rural, se opõe aos interesses da classe dominante e por isso é inevitável a luta de classes, ela é necessária.

O pensamento do Tavares era transparente, mas sua exposição soava como um insulto, sobretudo num colégio como o meu, um dos mais caros do Rio. A ovelha negra da nossa classe, o Ubirajara, um galo de briga, tampinha e atrevido, um dia resolveu esclarecer a situação e levantando o braço, perguntou:

— Professor?

Tavares, que escrevia no quadro negro, respondeu sem mudar de posição:

— Diga, Ubirajara.

— Professor, o senhor é comunista?

Um murmúrio de espanto atravessou a sala, que em seguida caiu no mais profundo silêncio, esperando, arrepiada, a reação do professor. Aquilo soou como se o Ubirajara tivesse perguntado: “Professor, o senhor é um filho da puta?”

Tavares, impassível, voltou-se procurando o Ubirajara e quando o encontrou, inclinando a cabeça e com o pescoço amarrotando no colarinho muito engomado e muito branco, fincou os olhos nos do insolente.

— Comunista, meu filho? – pausa para enterrar bem os olhos na alma do Ubirajara. – De hábito o senhor é um impertinente, Ubirajara, mas desta vez entendo sua pergunta – seus olhos não piscam e imobilizam, aprisionam o ousado colega que todos na sala desaprovam. Todos conhecem as opiniões do Tavares, mas até o mais indisciplinados acham que o professor deve ser respeitado. É o sentimento de culpa provocado por sua cor.

— O comunista é um marginal, meu filho, como você poderá vir a ser um, e não é o meu caso. Apenas, nas minhas ideias, procuro ser realista. A sociedade baseada no antagonismo de classes, veja bem: não se trata de uma questão de temperamento, é a organização econômica e social da produção e do consumo que tem por alicerce esse antagonismo. Essa sociedade está fadada a assistir ao choque inevitável das classes antagônicas, devido à necessidade da classe oprimida de obter sua franquia e da classe dominante de reprimir para defender-se.

O Professor Tavares não dava importância ao fato de todos os alunos pertencerem à burguesia. Ia em frente: no começo de cada aula fazia uma pequena introdução teórica. Nós, membros do grêmio, achávamos que ele era o único professor que prestava naquela boate, mas a maioria rangia os dentes. Pergunto-me por que a direção esperou que ele organizasse conosco aquelas greves para despedí-lo. Talvez temesse que respondêssemos com uma greve (o que, aliás, fizemos, mas sem grande alcance naquele momento, dada a multiplicidade de motivações), e estivesse esperando a ocasião em que o desgaste fosse menor. O Tavares esperava por aquilo há muito tempo e sua única reação foi a de sentir-se ainda mais livre para dedicar-se à agitação. Tornou-se então uma espécie de cabeça da

retaguarda, ausente de todas as passeatas, manifestações ou qualquer ação que pudesse degenerar em conflito com a polícia, mas tendo participado da organização de quase todas, sempre preocupado em explicitar as razões estratégicas e táticas e também em explicar aos militantes as diretivas ideológicas do momento, procurando sustentá-los quando percebia que o desânimo, a decepção e o cansaço estavam ganhando terreno.

No meu caso, porém, suas tentativas para ajudar-me não tiveram êxito, não por incapacidade sua, mas porque meu problema não era desânimo ou cansaço. Eu estava desesperado. Foi logo no fim do último ano de faculdade. Os decretos do governo tinham provocado uma febre intensa nos meios estudantis. Várias “reações” foram organizadas, entre as quais uma enorme passeata, evidentemente interdita pelas autoridades. Marcamos encontro na Cinelândia, às cinco da tarde, e desde as três milhares de estudantes nos dirigimos para o centro, em grupos de três, quatro ou cinco pessoas. Atônita, a polícia se comprimiu massivamente, procurando identificar em cada passante um inimigo que às quinze para as cinco não tinha dado as caras. De repente, ali perto, em frente da Faculdade de Filosofia se reuniu um grupo de uns quinhentos estudantes que começaram a bradar slogans e depredar a Nacional, obedecendo assim ao programa que havíamos estabelecido naquela manhã. Em polvorosa e quase histérica, a polícia desertou completamente a Cinelândia, correndo pela Santa Luzia para neutralizar o grupo da Nacional, que só chegou a ver, porque antes que pudesse se aproximar, os estudantes sumiram, sem deixar uma única vítima. Entretempo, vindo de todos os lados e surgindo por todas as partes, no espaço de dez minutos, milhares de estudantes se concentraram na Cinelândia e logo começaram a subir a Rio Branco na contramão, provocando uma confusão indescritível. Em pouco tempo os passageiros dos ônibus e lotações tinham descido para juntar-se aos manifestantes. Das janelas, as pessoas faziam eco aos slogans e atiravam papel picado. Mas a euforia durou pouco: correndo novamente, a polícia, no auge da histeria, voltou da Nacional e, na impossibilidade de atacar os manifestantes em bloco, porque

estes se misturavam aos carros e aos passantes, resolveu optar pelo massacre daqueles que conseguisse encurralar. Quando percebi que Olga não estava mais ao meu lado subi em cima de um carro e vi cinquenta metros atrás o bolo de gente brigando, Olga! Olga!, o rosto ensanguentado, que é aquilo na mão dela?, uma chave inglesa, vai!, não deixa ele chegar perto de você!, ele vai cair!, corre, corre!, cuidado com o cara atrás de você!, é um revolver!, é um revolver!, ele tem um revolver na mão!, Olga!, Olga!

Silêncio. Desespero. Desatino.

Silêncio.

A bala entrou atrás da orelha e saiu na testa, estraçalhando o rosto da Olga. O projétil saiu do cano do revolver, penetrou atrás da orelha da Olga, passando e destruindo a matéria, aparecendo pela testa, arrombando o rosto da Olga. A mão pegou na coronha, fria excitante, o dedo abraçou o gatilho, revolver e mão aproximaram-se da cabeça da Olga, BAM, o balaço resvalou dentro do cano na direção da luz no fim do túnel, voou no ar, livre e prisioneiro, passando sem resistência, direto, certo no cumprimento da tarefa, depois sumindo atrás da orelha da Olga, abrindo uma flor hedionda no rosto da Olga. Olga, Olga. Olga amiga, Olga companheira, onde é que você está? Você agora é terra? É sal? É planta? Você já foi para o céu, evaporada pelo sol e já voltou para a terra, trazida pela chuva? Onde está seu sorriso doce, discreto, deixando fugir uma lâmina de fumaça contorcida e azulada do seu cigarro de filtro? Os seus olhos semi-cerrados, ironia? Deboche? Ou força, segurança? Onde estão? Loucura! Insensatez! Insensatez que você mesma viu, isso é que é o pior: você viu.

— Já está tudo pronto para amanhã, mas agora tenho certeza, Otávio, que depois precisamos mudar nossa estratégia. Assim não é mais possível, estamos nos agitando como baratas tontas, perdidas, meu chapa. Para sair dessa temos de ter a coragem de enfrentar nossa situação e reformular nossas coordenadas. Tutto da capo! Tutto da capo!

6

Inexplicavelmente, a voz grave do Gubbels me surpreendeu.

— Ah! Como vai o senhor?... Sim, chegamos muito bem, felizmente... Ótimo, gostamos muito, já estamos perfeitamente instalados...

Gubbels fala um inglês impecável, quase sem sotaque.

— Certo,... quando o senhor quiser, estamos prontos... Muito obrigado, até logo.

Leila está servindo o café.

— Era ele?

— Era. Vai passar para nos apanhar. Prometi que daqui a meia hora estaríamos prontos e desceríamos.

Quando Gubbels chegou, saiu do carro e cumprimentou-nos. Durante o trajeto falamos da viagem e do encanto de Amsterdã. Chegando na Universidade, Gubbels apresentou-nos a alguns dos colegas, com quem cruzamos nos corredores. Na sua sala descreveu-nos as atividades do departamento de Física e perguntou a Leila que gostaria de fazer. Leila lhe disse que alguns dos seminários mencionados por ele poderiam interessá-la e nesse sentido desejaria, se possível, de conversar com os responsáveis por esses programas.

— Ótima ideia. A sala do Kempf fica aqui ao lado. Vamos ver se ele já chegou.

Gubbels apresentou-nos ao Kempf e explicou que Leila gostaria de conversar com ele sobre o seminário que organizava naquele ano e também gostaria de falar com o Beers, talvez Kempf pudesse apresentá-la quando acabassem de conversar.

Gubbels e eu voltamos para sua sala. Ele quis saber em que eu havia trabalhado ultimamente.

Baixo e magro, com o rosto marcado pela barba aparada e grisalha, Gubbels tinha o dom simultâneo da sensibilidade e da inocência. Percebeu facilmente que eu não pedira a bolsa para vencer a etapa de um objetivo mais amplo. Nisto a sensibilidade não lhe falhou. Compreendeu, porém, que essa razão não era suficiente para tornar desinteressante as questões que lhe expus como sendo as que desejava estudar sob sua orientação. Gubbels era um profissional, e sua inocência o autorizava a abstrair de tudo que não fosse intrinsecamente ligado à atividade científica.

Depois de me ouvir atentamente, disse-me que achava tais questões interessantes. Ele mesmo deparara com problemas análogos, durante a redação de seus últimos trabalhos, mas sua ótica não era bem aquela que parecia ser a minha. Durante mais de uma hora, expus as diretivas teóricas em que repousavam suas recentes investigações. E aconselhou-me a leitura de seu último trabalho, de que me entregou uma cópia.

Combinamos que nos encontraríamos todas as terças à tarde, para conversar. Ele reservou esse momento na semana para nosso trabalho comum. No mais, eu podia dispor da biblioteca, era muito rica e recebia pontualmente todas as revistas de física.

— Venha, vou lhe mostrar a sala.

No corredor, pouco mais adiante, Gubbels bate na porta e abre sem esperar resposta. O escritório não é grande nem pequeno. Tem duas mesas, uma delas ocupada por um rapaz claro, gordo, de sorriso aberto. Gubbels apresenta-me, dizendo que se eu quiser informações sobre a Universidade ou sobre o próprio Departamento, Paul poderia me ajudar. “Certamente nos veremos por aqui nos próximos dias”, disse-me despedindo-se, “mas ficamos combinados para terça que vem, às duas”.

— Muito obrigado por tudo.

— Até breve.

Fiel à tradição hospitaleira dos holandeses, Paul oferece-me chá, derramando-o da garrafa térmica num copo de papel. Conta-me que é pesquisador em física do sólido. “Lido com o concreto”, diz sorrindo, “e respeito profundamente gente como vocês, que pertencem ao abstrato”, e faz um gesto para proteger o rosto com a palma virada para o teto, como quem teme a luz.

Alguém abre a porta devagarinho. O rosto de Leila aparece pela fresta.

— Fui te procurar na sala do Gubbels e ele me disse que você tinha sua mesa aqui.

Depois de fazer as apresentações, proponho a Leila de irmos tomar um cafezinho em algum lugar. Convido também Paul. Ele agradece, tem que dar uma aula dai a cinco minutos. Diz que podemos ir na cantina da Universidade, cem metros à direita de quem sai do Departamento.

— Então, como foi?

— Foi bem. Depois eu conto, mas antes quero saber como foi a conversa com o Gubbels.

— Foi bem. Quis saber o que tenho feito ultimamente. Depois me explicou um pouco seu último artigo. Me parece bem interessante, mas não entendi o suficiente para formular um juízo concreto. Preciso retomar o fio da meada. Leila, você está me ouvindo?

— Claro que estou te ouvindo... Pensava na ocasião em que chegamos no Rio...

— E em que você deixou de acreditar em mim.

— Deixei de acreditar em você?!

— Não foi? Mas não tem importância. O importante é agora, preciso de sua confiança.

— Como não tem importância? Você está inteiramente enganado. Pode perguntar a mamãe. Lembro-me perfeitamente de ter dito a ela

que você era capaz de realizar o que quisesse.

— Isso foi em Berkeley, não é?

— Foi. Meu sentimento não mudou.

— Mas eu sei, eu senti que no Rio você não tinha a mesma confiança.

— Está enganado. Não era questão de confiança. Apenas não via as coisas do mesmo jeito que você. Sempre encarei meus estudos e o PhD como momentos de um roteiro. Em Berkeley, você me influenciou muito e passei a ver as coisas à sua maneira: compreender um fenômeno, equacioná-lo, demonstrar um teorema, tudo era uma questão pessoal que me dizia respeito. Quando fomos para o Brasil, não sei, a vida no Rio era novamente a vida, quer dizer, a vida que eu conhecia, com inúmeras implicações pessoais... Senti que para mim a pesquisa era uma obrigação artificial, mas achei que devia respeitar seu sentimento. Você estava comprometido de outra maneira nesse processo, tinha que ir até o fim.

— Até o fim?

— Reconheço que quando vi você incapaz de continuar a pesquisa, talvez pelas mesmas razões que eu, mas se amarrando à ideia que você faz de si mesmo, recusando de passar para outra ideia..., reconheço que aí desanimei, não vi saída. Fiquei com medo que sua frustração gerasse outras frustrações, e mais nada.

— Eu sei.

— Agora o medo já passou.

— Não minta para me reconfortar. Como pode ter passado?

— Não estou mentindo. Quando você decidiu deixar tudo, achei que queria fugir, e o medo até aumentou. Anteontem, no avião, de repente entendi que afinal você tinha sido movido por uma necessidade mais forte, de romper o ciclo que justamente eu temia. Senti sua força, e achei que meu desânimo não se justificava.

— Pois é você que está me dando agora essa força... Aliás, foi o que acabei de te pedir..

— Você não acredita em mim, Otávio? Não tem esse direito.

— Acredito, acredito. Você está realmente me dando a confiança de que preciso tanto. Estou me agarrando a ela. Mas você não entende essa minha coisa, essa inquietação.

— Não é bem assim. De fato não entendo bem o que você está procurando, mas agora tenho certeza que você vai achá-lo.





7

Duas semanas depois, compramos um carro de segunda mão a um rapaz do Departamento que partia para os Estados Unidos. O proprietário devia ser cuidadoso e o carro, um BMW verde escuro de duas portas, apesar de já ter rodado seis anos, estava bastante novo. Quando por nossa vez o vendemos, pouco antes de deixar Amsterdã, não tinha envelhecido muito. Afinal o usamos apenas para ir à Universidade duas ou três vezes por semana e para passeios no sábado ou no domingo. Leila frequentava regularmente três seminários, um deles na terça, único dia em que eu precisava ir ao Departamento. Salvo o encontro rotineiro com Gubbels, eu aparecia por lá só para consultar a biblioteca. Desde o início, preferi a mesa de nossa salinha à escrivaninha no escritório de Paul. Com exceção do murmúrio que chegava até nossa janela às dez da manhã, quando as crianças do colégio ao lado brincavam no parque, o silêncio parecia ter escolhido aquele quarteirão para morar. Acostumei-me a fazer café pela manhã e à tarde, e a contemplar o parque pela janela toda vez que precisava de uma pausa. O parque me inspirava um sentimento de serenidade e, ao mesmo tempo, uma euforia tranquila – o gramado bem tratado, os passeios muito limpos, as árvores anciãs como que saudando em silêncio os poucos frequentadores quase meus conhecidos. Entre eles, o mais notável era um cego, andando com regularidade pelos pequenos caminhos. Não fossem a bengala branca e os óculos escuros, seus passos decididos não me deixariam perceber que se tratava de um cego. Quase sempre Leila me acompanhava nessa rotina, estudando também em casa. Cada pessoa é proprietária do mistério, comentávamos, observando o passeio do desconhecido. Tentávamos adivinhar qual seria a profissão daquele homem elegante, de andar apumado, que devia morar no quarteirão e vinha fazer diariamente um pouco de exercício no parque. Acompanhamos as quatro estações que passamos em Amsterdã tanto pelo esverdear, depois amarelar, em seguida desfolhar das árvores com os galhos cobrindo-se novamente de pequena folhas verdes no começo da última primavera, quanto pelas mudanças na indumentária do cego. Com sol ou chuva, calor ou frio, ele não faltava nunca ao encontro.

Nas terças-feiras, o seminário da Leila era às oito e meia. Por isso saíamos cedo. Nesses dias, eu passava a manhã no escritório de Paul, e em geral revia as questões de que tencionava tratar com Gubbels. Muitas vezes também fazia nessa ocasião as consultas bibliográficas julgadas necessárias na véspera. Por volta do meio-dia, Leila vinha me chamar, e íamos almoçar juntos na cantina. Ela me resumia então o assunto tratado pela manhã no seminário, dizendo sempre que era pena eu não frequentá-lo. Acho melhor me concentrar exclusivamente sobre a pesquisa com Gubbels, respondia eu, certo de que não somente essa pesquisa, mas principalmente a busca que eu precisava fazer dentro de mim mesmo, através dela, exigia toda a minha atenção.

Isso que você sentia como uma rigidez da minha parte, você não podia aceitar, porque – consciente ou inconscientemente – interpretava minha necessidade de concentrar-me sobre um único objeto como insatisfação fundamental na minha vida, levando-me à busca do sentido da vida e portanto afastando-me de você. Seu sentimento era de que, se eu me sentisse feliz com você, tirando minha inteira satisfação da entidade que formamos os dois, essa busca e essa inquietação seriam inconsistentes. Eu sabia disso, mas não podia dizer nada. Os gestos me pareciam carregados demais de significado, para que pudessem ainda suportar explicações. Leila era justamente a profunda alegria – e além dela, a serenidade – encarnada pela entidade que formamos os dois, era essa alegria que alimentava minha busca. A vida para mim já estava repleta demais de sentido. Eu não tinha mais necessidade de conhecer o caminho e sua direção, mas sentia como uma ferida a incompreensão da lógica (da coerência ou da incoerência) que une um gesto a outro.

À tarde, Leila estudava na biblioteca, eu trabalhava com Gubbels. Durante as primeiras semanas, essas tardes de terça-feira serviram sobretudo para que Gubbels respondesse às minhas perguntas. De fato, depois de ler seus artigos, no primeiro momento minhas ideias se turvaram. Lembro-me da angústia intensa que me invadiu

numa terça de manhã, quando percebi que não sabia mais inserir no contexto adequado as questões que eu mesmo propusera a Gubbels. Isso demonstrava quanto eu me sentia envolvido por essas questões – meros resquícios dos tempos de Berkeley. Minhas perguntas inevitavelmente denunciavam confusão, mas Gubbels parecia não se impressionar e mostrava grande disposição para elucidar simples pormenores técnicos durante várias horas, aparentemente sem se preocupar com as grandes ideias diretrizes. Contudo essas ideias, ainda que na sombra, estavam sempre presentes em sua mente. Sei disso porque certa vez eu disse a Leila, no café da manhã, que naquele dia contava fazer a recapitulação e o inventário de todos os elementos técnicos que encontrara nos meus estudos recentes, para me localizar, pelo menos aproximadamente. E assim fiz, sentado à mesa ou encostado à janela, com a mente voltada para a floresta espessa dos teoremas e o olhar absorto no parque, durante o dia inteiro. À noite uma grande euforia me fez vibrar. Além de ter conseguido me localizar na floresta, essa recapitulação me permitira levantar voo e admirar a floresta no seu todo, de horizonte a horizonte. As ideias diretrizes se deixaram formular com clareza, e o enunciado das grandes motivações teóricas para aquelas questões se impusera como um fato natural. Não resisti a colocar tudo no papel. Entrei pela noite a dentro escrevendo e conjeturando como o Gubbels reagiria na terça-feira seguinte. Não imaginei, porém, que sua reação seria tão natural, indicando os pontos onde as dificuldades técnicas subsistiam, e de cujas soluções dependeria o suporte teórico das ideias. Pensei em meu pai, quando dizia, com um sorriso irônico, que por detrás de um grande artista se esconde um paciente artesão.

Foi então que reencontrei com facilidade desconcertante essa capacidade que julgava perdida para sempre, de ruminar sem interrupção horas a fio a mesma ideia. Meu corpo era novamente capaz de desenvolver essa função do homem, que a morte da Olga me fizera descobrir. Reencontrei os dias perdidos de Berkeley, envoltos no silêncio das longas horas de estudo. Com esse silêncio pude me instalar dentro de mim mesmo, como o carpinteiro coloca um prego

com segurança, e olhar a vida através da escotilha da mente, essa pequena escotilha do meu corpo aberta sobre a incomensurabilidade do oceano. Na atitude de ator a contemplar o palco, entendi com o passar dos meses que não conseguiria nunca me expressar através da ciência, e que isso não dependeria das circunstâncias. Estas poderiam eventualmente contribuir para que a ciência encontrasse a maneira de se expressar por meu intermédio, na melhor das hipóteses. Compreendi que, homem adulto, por mais que me esforçasse, treinando dia e noite, jamais poderia ser recordista como um menino de quinze anos. Impôs-se, entretanto, a dissociação entre a capacidade criativa e o prazer secreto e intenso de ruminar em silêncio. Tornou-se clara a fronteira entre os sentimentos de realização e de afirmação, aquele valendo pelo reencontro comigo mesmo, e este exprimindo ainda e apenas a busca de mim mesmo.

Essa revelação não me impedia, no entanto, de admirar o estado de graça que cerca a atividade criativa. Talvez tenha sido por motivo dessa admiração que não me senti mal ao perceber que no nosso trabalho em equipe as ideias e os caminhos eram descobertos por Gubbels. Entendi que sua capacidade criadora estava condicionada pelo fato de que para ele o mundo se deixava circunscrever por aquelas equações, e o significado profundo da vida, seu sentido, desabrochava sem estardalhaço através do código iniciático e da lógica implacável da ciência.

8

Penumbra. Sentado, braços apoiados sobre a mesa, cabeça ligeiramente inclinada para trás, como quem fita o ângulo da parede e do teto, mas de olhos fechados. Como se o pescoço fosse um eixo, a cabeça gira lentamente, fazendo e refazendo a volta completa, como um radar, o corpo imóvel, as palmas das mãos sobre o papel, também imóveis, os lábios cerrados, as narinas dilatadas, a respiração profunda.

Leila aparece.

— Cafezinho?

Cafezinho, cafezinho, cafezinho, cafezinho, cafezinho, cafezinho, cafezinho, cafezinho, cafezinho...

— Otávio, quer um cafezinho?

Cafezinho, cafezinho, cafezinho...

Leila acende a luz.

— Otávio, você quer ou não quer?

— Hein? Quero.

— Se fosse você, eu deixava uns dias de lado essas estruturas.

— Quero liquidar o assunto ainda esta semana.

— Pelo jeito é mais complicado do que você pensava.

— Talvez. Continuo com a impressão de que alguma coisa não ficou clara no ponto de vista que resolvemos adotar.

O homem que busca exige de si o poder à verdadeira onipresença. Diante do acontecimento ordinário, deve ser capaz de reagir como qualquer um, de maneira coerente e, ao mesmo tempo, deve ser capaz de ausência. Ausência que é a manifestação de outra forma de presença: a presença permanente e uniforme à frente de si mesmo, a contínua exploração do vazio da mente.

Você me dirá: “Chega!”. Você me dirá: “Saia de dentro de você”. Você me dirá: “Você não é o centro do mundo. A Física não é o exercício do seu corpo, ela é o entendimento das leis da natureza, não obedece às necessidades da sua pessoa”. Certo, nada mais certo. Contudo, quando em Berkeley precisei ultrapassar a insuportável contradição que dilacerava meu ser – Você, Otávio, é um revolucionário demitido pela revolução – o que surgiu como evidência inelutável foi isto: Você não poderá mudar a humanidade sem antes mudar a si mesmo. Mas você é a soma de inúmeros fatos que conhece pouco e domina ainda parcialmente; é o elo, é a extensão das suas roupas, dos seus livros, dos seus móveis, pelo menos tanto quanto eles constituem extensão de você; é o resultado do seu passado, do seu antepassado, dos gestos que povoaram sua infância. Você reivindica a existência de uma parte de você que é singular, que define você como “você”, que diferencia e afirma? Nada mais justo. Mas a existência dessa parte de você depende do resto, essa parte não tem vida autônoma. Por isso “mudar” você mesmo é a luta pelo poder que essa parte de você exerce sobre o “resto”. Eis a revolução que nasce: voltando-se para si mesma, a pessoa tem a revelação do poder. Daí a mais completa solidão: quem poderá entender que se o sol nasceu na madrugada de hoje, isso é fruto da sua vontade inesgotável? Quem poderá crer que se a noite virá apagar os raios do sol, também é por força do seu poder incomensurável? Mas a solidão, a solidão do poder, é o primeiro movimento na direção da comunidade. Para se ultrapassar, ela não se satisfaz com a justaposição dos homens, exige a comunidade. Por isto afirmo: a solidão é necessária à revolução.

Por isso pergunto: sair de dentro de mim? Onde começa o mundo? A Física não é o exercício do meu corpo, certo. Mas como aceitar a morte sem antes gritar: EUREKA!, sem nunca receber uma maçã sobre a cabeça? Como resignar-me a morrer sem entender alguma coisa? É preciso tentar e perseverar na tentativa. Quem sabe se daqui a alguns minutos, ou amanhã, ou na semana que vem... É este o exercício do corpo. E a história da Física é uma sucessão de muitos

EUREKAs ou de maçãs caindo na cabeça, são momentos em que o corpo se realiza, se completa e se acaba. E ser acabado, completo, é a possibilidade conjugada à capacidade de existir plenamente. A completção de uma pessoa não a limita em sua busca, não a alivia de suas interrogações, não a impede de ser aberta. Pelo contrário, é a completção que a abre, que lhe esclarece e amadurece as interrogações, que torna fértil sua busca. Porque a completção e a abertura se confundem como o fim e o começo: ser completo é ser livre – essa capacidade de pensar e agir segundo a compreensão própria e intransferível.

Meu corpo, Leila, está necessitado de unidade.

Leila sorri:

— Tenho vagamente a impressão de que você deveria esquecer por uns dias essas estruturas. Senão, vai virar filósofo e não poderá fazer mais nada com elas.

— E o cafezinho?

— Vou trazer.

Leila, gosto muito de você. Quando você sorri, por exemplo. Sabe, aquele sorriso, quando seus olhos se fecham de tanto que as pálpebras descem. Você está aí lendo jornal, tomando cafezinho, e não sabe quanto a desejo. Fica quieta, quero olhar sua orelha, suas mãos, seus braços. Gosto do seu ar concentrado, desses lábios colados, desse pescoço comprido nascendo atrás da orelha.

Leila deixa cair o jornal no chão, cruza as mãos atrás da nuca. Está contemplando o teto.

— Há dias que você não me conta como vai seu trabalho.

— Eu mesmo estava pensando nisso.

Quando saímos para jantar, costumo explicar a Leila o andamento

da pesquisa. Entramos pela noite conversando sobre temas cujo entendimento exige vocabulário extremamente técnico e proibitivo aos não iniciados. Talvez sejam esses os momentos em que ela e eu estamos mais próximos um do outro, como animais emitindo sons específicos à espécie: sons ociosos e vazios de sentido para outra espécie, apenas carregados de sentimentos e intenções. Com a atenção voltada para objetos distantes, nossos olhos se cruzam, nossas mãos passeiam constantemente sobre a folha de papel enegrecida por equações, e dançam articuladas, como num bailado mil vezes ensaiado.

— Esses exemplos nos fazem crer que se trata de uma propriedade mais geral. Talvez exista mesmo uma teoria demonstrando que os dois fenômenos sejam casos particulares de um terceiro mais geral.

Meus olhos ardem um pouco, são quase duas horas. Leila descasca uma laranja e eu tomo um copo-de-leite.

— Mas quem pensou nesses exemplos?

— O Gubbels. Aliás... Sabe, nessas semanas entendi várias coisas. Tenho feito esse trabalho com grande prazer, você tem visto... Gosto sobretudo do silêncio, estudando. Mas as ideias são todas do Gubbels e...

Leila me interrompe:

— Otávio!... E depois? O que vamos fazer depois?

— Não sei. Tenho pensado na volta. E no que faremos. Procurando decidir o que seria melhor, cheguei à conclusão de que o destino tem de amadurecer. Deixemos que amadureça.

9

Nos fins de semana íamos até as praias do Mar do Norte e passeávamos a pé pelas dunas, vencendo de mãos dadas o sopro irregular do vento. Conversávamos com entusiasmo. Caminhávamos em silêncio. Abraçados, imóveis, ouvíamos o bater das ondas responder sem descanso aos apelos do vento.

No mar, o horizonte abria seu leque imenso. Não tínhamos porém a sensação de que esse horizonte escondesse um mundo mais além. A falta completa de relevo durante o trajeto que percorríamos desde Amsterdã nos entregava o mar sem que fosse preciso vencer obstáculos, sem surpresas por trás de uma montanha inexistente. Nenhuma paisagem dessa terra plana exigia um caminho especial para ser atingida. A ausência de conclusão e, portanto, de interrogação no ambiente induzia-nos a ver no mar um vasto cerco.

Apesar disso, diante dele não nos sentíamos oprimidos. Nosso próprio mundo estava cercado por fronteiras muito mais estreitas, e mesmo assim nos parecia insondável. Durante as quatro estações fizemos frequentemente o trajeto, talvez atraídos pela aceitação expressa na planície. Depois era intenso o prazer de voltar para nossa água-furtada, nosso espaço separado do mundo, envolto pela escuridão no parque.

Foi em novembro, num domingo à noite. Acabávamos de tirar as botas e fazíamos chá para nos aquecer quando Dona Vilma telefonou. Leila atendeu.

— Alô. Mamãe? Tudo bem?

Seu rosto empalideceu. Tentou ainda dizer alguma coisa e com as mãos no pescoço, como se quisesse vencer o engasgo, passou-me o telefone.

— Alô, Dona Vilma? É Otávio, o que há?

Quatro dias antes, meu pai viajara para Buenos Aires, acompanhando um amigo industrial em avião particular. Lá ficaram vinte e quatro horas, seguindo depois para Santiago, e o avião desapareceu nos Andes. A notícia demorou dois dias a chegar a Dona Vilma, porque provavelmente meu pai decidira viajar com o amigo na última hora, e quando as autoridades chilenas informaram as brasileiras sobre o desaparecimento do avião, ainda não se sabia quem viajava nele.

Com frases curtas, entrecortadas pela emoção, Dona Vilma disse-me que as buscas feitas até aquele momento não tinham obtido qualquer resultado.

— Otávio, você está me ouvindo, Otávio?

— Estou.

— As buscas serão interrompidas agora, mas recomeçarão assim que amanhecer.

Olhei o relógio e vi que eram nove horas, portanto seis da tarde no Rio.

— Alô, Otávio?

— Hem.

— Tentamos falar várias vezes durante o dia, mas vocês não estavam. Amanhã tornarei a ligar. Deixe-me falar com Leila.

Um nó na garganta impedia-me de falar. Com extrema dificuldade pronunciei ainda algumas palavras.

— Dona Vilma...

— Alô?

— Dona Vilma, não se preocupe conosco. Leila está bem... Estamos bem... Vou passar o telefone.

Encostei-me na janela e fiquei olhando a massa negra do parque, reflexo de minha mente. Tentava reconstituir uma imagem de meu

pai, seu corpo, seu rosto. Mas a imagem se decompunha antes de se tornar nítida, e novamente minha cabeça buscava tecer a imagem sobre uma silhueta embaçada.

Leila desligou e sentou-se soluçando. Durante longo tempo ficamos em silêncio. Eu não podia acreditar. Não podia entender o jogo sinistro da morte. Não fora suficiente ver minha mãe se apagar contorcida pelo sofrimento? Não bastara assistir ao assassinato da Olga? O que é que você quer? Que quer de mim? Que pretende com essa provocação macabra? Colocar-me diante de você, ver você dissimulada pelo véu da esperança de que amanhã achem o avião e meu pai ainda vivo? Saber como sobreviverei à dúvida de que meu pai está vivo, mas desaparecido?

Passamos a noite falando com o Rio de Janeiro. Meu tio Carlos telefonou. Depois liguei para o Antunes. Dona Vilma tornou a falar, e João Eduardo também conversou com Leila e comigo.

Meu pai sentira-se mal uma semana antes, e resolvera tirar dez dias de férias. Não contou a ninguém o que tivera. Disse apenas estar muito cansado: o médico lhe recomendara repouso. Dias depois, telefonou à secretária no jornal, dizendo que se ausentaria por pouco tempo. Aproveitaria a ida de um amigo industrial a Buenos Aires e Santiago para dar uma volta. Deixou o nome dos hotéis onde se hospedaria, recomendando que ela só telefonasse no caso de alguma coisa muito urgente, e viajou naquela tarde.

Com o dia amanhecendo, dormimos sentados na cama contra a parede, durante uma hora ou duas. Entre os telefonemas, passamos a noite praticamente em silêncio. O universo que havíamos deixado há alguns meses, tão vivo no domingo de nossa chegada, irrompia violentamente em nosso abrigo, depois de se transformar em pouco tempo numa história remota de outros seres e outros lugares. Durante aqueles meses, havíamos mantido correspondência regular com o Rio. As cartas de minha sogra, do meu pai e mesmo do Otto nos traziam

um mundo que reconhecíamos ser o nosso, presentindo porém com estranheza que não pertencíamos mais a ele. A distância exterior viera certamente aliviar uma outra, interior, já existente, da pressão que a impedia de se identificar. Com a distância, era permitida a reconciliação, tornava-se possível aceitar a satisfação de mais um crepúsculo induzindo ao doce torpor da inconsciência e do vazio, podia-se admitir os sobressaltos da vida, assistir ao espetáculo dos elos da existência a se encadearem sem rumor, e compreender que o acontecimento de hoje leva, com ou sem conflito, ao acontecimento de amanhã, sempre.

A morte de meu pai, sua ausência, varrem como uma lufada essa serenidade oculta, fazem desabar sobre nós a realidade que somos, enterrando a que poderíamos ter sido. Acordo, sinto o corpo dolorido, e me vem irreprimível a certeza que o avião não será encontrado.

O telefone acorda Leila. Dona Vilma quer saber como estamos. Digo-lhe que dormimos um pouco e que vamos sair para providenciar nossa volta ao Rio talvez ainda hoje ou amanhã. Ela não tem notícias do Chile. Está em contato com a Embaixada em Santiago, mas ainda não falou hoje porque não haverá nenhuma notícia antes do entardecer. Peço-lhe que me diga mais uma vez o que sabe.

O avião decolara normalmente de Buenos Aires. Ao sobrevoar os Andes o aparelho apresentou um problema. A comunicação com a terra não foi muito clara, mas se entendeu que o avião estava lançando um S.O.S., acusando perda rápida de altitude. Foi possível ouvir claramente quando comunicou sua posição. Isso deveria ter facilitado as buscas, mas os aviões da força aérea chilena que sobrevoaram a área não localizaram nada. Em verdade não se sabe quanto tempo o aparelho pôde voar.

Não sei dizer qual foi meu sentimento, ao ver o sorriso mecânico da moça embonecada e uniformizada, atrás do balcão. Todo o meu ser se debatia entre a angústia, a revolta, o desespero e a resignação,

e a suspeita de que havia em mim uma ponta de aceitação me fazia sentir culpado. No rosto de Leila via-se apenas a estupefação quando a moça, depois de várias verificações, nos disse que todos os aviões saindo da Europa para o Brasil nos próximos três dias estavam lotados. Nenhuma conexão, por mais indireta e longa que fosse, que nos permitisse com certeza viajar naquele dia ou no dia seguinte. Vendo nossa aflição, e deixando esmorecer o sorriso, a moça nos disse que podia nos colocar na fila de espera. Viajaríamos então, caso houvesse alguma desistência de última hora. A solução não se aplicava, no entanto, aquele dia. Havia um voo saindo de Frankfurt, outro de Paris, e um terceiro de Roma, porém até aquele momento nenhuma desistência fora notificada. Era quase certo que acabaríamos tendo de ficar numa das três cidades, se tentássemos a correspondência. Aliás, não deveríamos alimentar grandes esperanças para os dias seguintes. Certamente não éramos os únicos nas listas de espera. A razão desse congestionamento era a abertura da exposição “Brasil Export 79” em São Paulo. Havia grande movimento de homens de negócios que iam ao Brasil por dois ou três dias bem programados, e devido a isso provavelmente não se alterariam as datas previstas.

Insistimos ainda, revimos uma a uma todas as possibilidades. A moça revelou-se dotada de grande paciência. De certo compreendeu que nossa urgência tinha uma razão trágica. Nesses momentos, Leila controla a emoção com maestria inigualável. Vencida a estupefação, todo o seu ser buscava e calculava uma possibilidade esquecida por ser menos comum. Afinal, aceitamos ser colocados na fila de espera. Se houvesse desistência, seríamos avisados no mesmo dia ou no dia seguinte de manhã, para termos tempo de viajar para Zurique ou Londres e seguir à noite.

A morte brincava com a ferida exposta: meu pai desaparecido nas montanhas dos Andes; seu corpo, seu rosto, subtilizados – seu último momento, por ser último não deve ser diferente da vida, olhar pousado sobre a agitação dos homens, distante. Você também, Otávio, tem de manter sua posição e a coerência da vida. Não pode

ir à procura do que não existe. Atravessou um continente e um oceano para quê? Queira ou não, você não pode fugir. Os aviões estão lotados, as estradas impedidas, em você todos os caminhos estão interrompidos. Não tente esbarrar no intransponível.

Profundamente abatidos, exaustos, sentados na cama, olhamos nosso apartamento tentando equilibrar a mente e ver por onde começar. Precisamos falar com Gubbels, contar o acontecido, dizer que viajaremos amanhã. Não, não adianta falar já. Acho melhor esperar confirmação de que viajaremos amanhã. Algumas horas não mudarão em nada a situação. Trabalho? Talvez seja possível voltar daqui a um ou dois meses para concluí-lo. Leila me aconselha a conversar com Gubbels sobre a possibilidade de acabá-lo por correspondência. Afinal chegamos a três ou quatro meses do fim da bolsa, e o trabalho está adiantado. Além disso, uma vez no Rio será praticamente impossível voltar logo, teremos muito que fazer.

— Você tem razão. É ingenuidade minha achar que poderemos voltar, mas vai ser também extremamente difícil para mim ir até o fim por correspondência, sobretudo mergulhado no mar de preocupações que teremos no Rio.

Conversaremos com Gubbels e pensaremos no assunto depois de ouvir a opinião dele. Estamos perturbados demais para raciocinar com clareza. Independentemente da hipótese de voltar, Leila diz que devemos levar tudo. Trouxemos apenas três malas, e o que compramos representa mais uma. É preferível começar a fazê-las e nos aprontarmos para viajar amanhã.

Com gestos pesados trago as malas, enquanto Leila começa a dispor algumas roupas sobre a cama. Abrindo as malas no chão, vejo essas bocas de hipopótamo bocejando com tédio, indiferentes ao drama assistido de longe. Tenho de arrumar meus papéis, passar na Universidade e apanhar os que deixei lá. Talvez encontre Gubbels e possa conversar. Seria mesmo impossível viajar hoje à noite.

Pediremos a alguém que nos faça o favor de vender o carro e nos mande o dinheiro. Não vale mesmo nada. Temos de passar no banco depois de pagar as passagens e pedir que transfiram nosso saldo para a conta no Rio.

O pensamento gira ao jeito de moinho a tração animal, as ideias se concatenam aos trancos.

Quando acabei de arrumar os papéis, separando os documentos que levaria em mão e o material que colocaria numa caixa, Leila já havia enchido uma das malas.

— Leila, me desculpe, mas estou me sentindo muito cansado. Não acha melhor repousarmos um pouco? Depois a gente continua.

— Descanse. Vou fazer um lugar aqui na cama para você, enquanto eu continuo, quero acabar as malas antes do almoço.

Deito-me com corpo dolorido. Leila se desloca lentamente, traz e leva casacos, blusas, sapatos. Sua determinação é mais forte. Quero resistir ao sono.

Quando fiz sete anos, alguém me deu um par de luvas de boxe. Fui logo correndo e rindo dar uns murros em meu pai. Também rindo, ele se defendia, até o momento em que, com gesto macio e lento, me jogou ao chão.

“Vamos, levanta!” Em posição de defesa, sorriso largo, olhar incisivo e observador. “Vamos!”

Pulei, corri, tentei acertar um soco na sua barriga, mas antes que minhas luvas o tocassem, eu já estava novamente no chão.

Difícil conter o peso das pálpebras. Eu tinha quatro, não: cinco..., não sei, quatro ou cinco anos. Na praia, meu pai e eu brincamos com uma bola de futebol. Ele joga a bola e eu tento em vão pegá-la.

Corro para apanhá-la e sinto-me alegre, excitado e enervado. Sei que é um privilégio passar a manhã inteira na praia com meu pai, mas me aborreço toda vez que a bola passa entre meus braços sem que eu possa agarrá-la.

Ele queria me vestir enquanto mamãe tomava banho. “Vem depressa, estamos atrasados”. Não e não. Debatia-me, corria, dava pontapés. “Não faz assim, vem logo, olha aquela história do menino que tinha um cachorro policial... Vem cá e fica quieto!” Seus olhos faíscam, a boca se retorce, já não pode conter a impaciência, a mão se levanta, vejo-lhe o rosto transtornado enquanto sinto o ardor do tapa na minha coxa.

Foi a contração de sua perna que me acordou? As olheiras profundas, a boca aberta, o ronco profundo traduzem esgotamento. A perna se contrai, e todo o seu corpo se sacode. Durante vários dias ele praticamente não dormiu. Depois do entêrro, chegando em casa me disse que precisávamos descansar e me pediu que o deixasse sozinho. Sono negro, abandonado.

Entrei sem bater. Ele falava no telefone e apenas levantou os olhos, sem reação aparente. Contudo eu tinha certeza de que ele estava se perguntando por que razão eu vestira meu único terno e entrara no escritório sem me anunciar. Continuou telefonando. Entre a porta e a poltrona em frente da mesa, não levantei os olhos do jornal dobrado em quatro que levava comigo. Sentei-me lentamente e continuei a ler sem mesmo cumprimentá-lo com um gesto de mão ou um olhar. Ele continuou falando e eu lendo. Falava com o corretor e dizia que não concordava com a venda das ações, dando o motivo da discordância. O outro insistia, e ele disse que naquele momento não podia decidir, voltaria a telefonar mais tarde. Desligou o telefone, descansou o queixo sobre os punhos e me fitou. Apesar dos meus quatorze anos, aguentei firme e continuei com os olhos no jornal. Ele levantou o gancho do telefone interno, pediu à secretária que providenciasse dois cafezinhos e continuou me observando.

Momentos depois, entrou um contínuo com a bandeja na mão.

Agradei, sem mexer a xícara posta sobre a mesa a meu lado. Meu pai perdeu a paciência, mas esperou que o contínuo saísse para falar.

— O que há com você? Quantas vezes vai ler essa coluna?

Olhei-o impassível, e com um gesto largo coloquei o jornal lentamente diante dele. Então pôde ler o que eu havia escrito com grandes letras de fôrma por cima dos caracteres impressos:

PRECISO CONVERSAR COM VOCÊ

Sua gargalhada me acordou.

— Enquanto você dormia, mamãe telefonou.

Leila está muito pálida, uma lágrima crescendo no ângulo do olho.

— Tinha acabado de receber um telefonema de Santiago. Contaram que o avião manteve comunicação com a terra até o momento em que tentou aterrissagem forçada. A comunicação foi até gravada. Isso permitiu conhecer a localização exata dos destroços e como a Força Aérea não os achara, queriam saber exatamente o que acontecera antes de revelar que a queda do aparelho provocara enorme avalanche.

Leila tenta controlar a emoção, mas as lágrimas escorrem. O nó na garganta me impede de falar.

— Mamãe insistiu muito para não irmos. Disse que nossa presença no Rio não vai mudar nada. O que precisa ser feito por você pode esperar dois ou três meses. Ela vai ligar mais tarde para falar com você.

Fechando os olhos, vejo a expressão de minha sogra traindo o combate desigual entre sua cabeça – sempre vencedora – e seu coração – perdedor eterno que ela, Dona Vilma, aspira a tornar vitorioso um dia. Dia que não chegará nunca.

10

No escuro, Pontrjagin, sentado, fuma um cigarro e pensa. A mão leva o cigarro à boca, o gesto é lento. Os minutos deslizam. Pontrjagin amassa a brasa no cinzeiro de vidro.

Sem acender a luz, ele se levanta, sai do quarto, também não acende a luz do corredor onde o breu é cerrado, entra na cozinha, pega um copo no armário, abre a torneira de água fria, enche o copo, bebe, abre a torneira de água quente, enxágua o copo, coloca-o ao lado da pia. Os gestos são rápidos e precisos.

Volta ao corredor, entra no quarto, pega o maço de cigarro na escrevaninha, senta-se na poltrona, procura o isqueiro no bolso, acende o cigarro, levanta o vidro do relógio de pulso e acaricia o mostrador. Está preocupado em decidir antes do jantar o ponto de vista a adotar na aula de amanhã. O irmão e a cunhada vão passar para apanhá-lo, e ele sabe que não poderá mais trabalhar hoje novamente.

Pontrjagin tem tempo, o casal só chegará daí a meia hora. Mas ele não se sente tranquilo. Alguma coisa lhe parece pouco convincente, embora não saiba dizer o quê. Pelo desenho ininterrupto da fumaça, adivinha-se a impaciência da mão. Pontrjagin retoma o raciocínio. Cinco minutos. Nada. Alguma coisa não funciona. Mais cinco minutos.

Pontrjagin se impacienta, liga o gravador, dita no microfone o seu raciocínio, desliga, levanta-se, anda de um lado para o outro no quarto. Senta-se novamente, torna a ligar o gravador e escuta sua voz. Ah! Aí está: é preciso distinguir dois casos; o mais geral se resolve pelo raciocínio gravado; o outro, que não se pode excluir a priori tem solução trivial. Exatamente por ser trivial, inconscientemente ele desprezara a segunda possibilidade. Agora, tudo claro.

Com o dedo indicador, Pontrjagin apalpa de novo o relógio: está na hora de se aprontar. Sai do quarto, vira à direita, entra no banheiro e, enquanto lava o rosto, pensa no velho tema de como as coisas seriam diferentes se pudesse escrever. Escova os dentes. Se ao menos pudesse

adivinhar a diferença... A questão é saber se, ao sentir que as coisas escorregam na sua cabeça, o ato de escrever lhe permitiria fixá-las. Suspeita que os mecanismos de compensação lhe permitiram atingir um nível em que não há diferença entre ele e os outros, e o que escorrega na cabeça também resvalaria sobre o papel. Suspeita... mas sabe – irremediavelmente – que nunca poderá realmente verificá-lo.

Fazendo o nó da gravata, sente-se satisfeito. Sofreu muito e silenciosamente durante a infância, é verdade, mas afinal o mundo, com suas formas moventes e instáveis, acabou se harmonizando e esclarecendo. A revelação não foi inconsequente: ele é um dos grandes, um dos maiores...

Veste o paletó, liga o gravador e mais uma vez escuta sua voz. Tocam a campainha. Pontrjagin vai abrir. A cunhada reclama como sempre que ele não acende as luzes, a casa parece abandonada, um dia ele vai dar de cara com um gatuno, e naquele silêncio, meu Deus! parece um cemitério à meia noite. Pontrjagin responde que não precisa gastar eletricidade à toa. São coisas que ele esquece, não tem importância.

A porta bate, e a casa, invadida pela escuridão, recobra o silêncio. Alguns minutos passam antes do pequeno estalo. Pontrjagin não desligou o gravador. A voz soa distinta, o raciocínio ocupa o espaço um instante. Depois novamente o silêncio.

Na volta, cansado, Pontrjagin inclina a cabeça para trás, descansa alguns minutos recostado na poltrona. Talvez fosse melhor dormir, mas apesar da hora tardia, ele receia não ter sono.

O silêncio é tão completo, o ouvido tão apurado, que Pontrjagin pode ouvir o pingo regular da torneira no banheiro do vizinho de cima, e isso o irrita um pouco. Levanta-se, chega à janela, observa os barulhos da noite. A umidade no ar é própria da madrugada; a temperatura, agradável; Pontrjagin respira fundo, e pensa nos ruídos que ouviu ali desde criança. Houve um tempo, o mais antigo que a memória

situa com clareza, em que sua preocupação era distinguir e classificar claramente cada ruído segundo a origem ou a função. Tarefa árdua, mas factível e sobretudo compensadora: Pontrjagin admira-se de ter obtido dessa maneira, ainda criança, uma configuração tão precisa do mundo.

Houve um tempo, na adolescência, em que ele gostava de abrir a janela bruscamente, para receber de chofre o feixe de rumores e senti-lo como um vento forte que escapa entre os dedos sem se deixar prender. Queria receber o mundo como um bloco compacto, homogêneo e íntegro de sons, que vinha esmagá-lo. Não lhe interessava mais decifrá-lo, deduzir uma possível configuração do mundo. Todas as configurações imagináveis lhe pareciam possíveis. Naquela época, Pontrjagin desejava sentir o peso daquele bloco.

Rapaz feito, quando as ideias começaram a surpreendê-lo, vinha descansar à janela e ouvir os barulhos da rua, sem escutá-los, mas tentando pela primeira vez realmente compreendê-los. Não precisava mais escutá-los, conhecia-os todos e os organizara segundo uma ordem rigorosa e eficaz; também a violência do impacto não o extasiava mais. Por essas razões, podia distanciar-se e, ouvindo os barulhos da rua, perguntar a si mesmo como podem eles encadear-se de maneira tão complexa, aparentemente tão perfeita, e sobretudo, por que ele mesmo, Pontrjagin, não podia resistir ao desejo de admirar no seu todo e em cada mecanismo, grande ou pequeno, a máquina imensíssima que produz os barulhos da rua.

Sente um calafrio, pensa na imprudência de estar ali exposto ao sereno. Volta à poltrona. O silêncio continua a ocupar o espaço vazio. Nele Pontrjagin tenta reencontrar o pingo da torneira do vizinho de cima. Nada. Seguramente o próprio vizinho sentiu-se incomodado pelo ruído monótono e se levantou para fechar a torneira. Se Pontrjagin não estivesse distraído na janela, teria ouvido seus passos.

Procurando a boa posição para um cochilo, pensa que sua meta não é

inatingível e quimérica. Só que é preciso encontrar o bom caminho, e esta é a maior dificuldade. Os caminhos são tantos, as possibilidades de erro tão diversas! Pior: tendo escolhido um caminho e progredido nele, se descobrirmos um erro, a única alternativa é de colocar tudo em questão, e recomeçar. Pontrjagin, porém tem confiança na sua escolha: Sou eu que quero admirar essa máquina imensíssima, sou eu mesmo, portanto, que a devo encontrar antes de tudo, disse consigo.

Dorme. O sono não é o do justo nem o do injusto, nem merecido nem desmerecido. Somente uma trégua.

— Quando foi que você escreveu?

— Anteontem e ontem. Ao me sentir cansado, resolvi mudar de assunto, e achei que iria me distrair escrevendo uma historinha.

— Otávio, Otávio...

— O quê?

— Achei boas as historias...

— Mas?

— Não tem mas nenhum. Acho que você se parece com esse Pontrjagin. Você precisa deixar de ver para enxergar. Precisa de um labirinto para chegar mais depressa ao objetivo.

— Mais depressa, não sei. Talvez mais profundamente. Estou convencido de que sem o labirinto, indo direto ao objetivo, não se chega nunca... Você gostou mesmo?

— Gostei, sim.

— Sempre tive vontade de escrever. Agora que papai morreu, sinto que preciso reduzir minhas interrogações a palavras e ao mesmo tempo ficar em silêncio... Papai era o escritor lá de casa.

— Ele escrevia ensaios e artigos, é diferente.

— É diferente e não é.

Como resistir-lhe? Desde criança sentia-me fascinado e ao mesmo tempo precisava resistir. Era tão acabado em sua maneira de ser, tão total no seu estilo, que eu tinha medo de me tornar uma sombra, apenas uma aproximação grosseira.

— Não é diferente, porque o que ele escrevia era a realidade. E tinha razão. Ensaios, artigos, essas histórias do Pontrjagin, o modo e a forma não importam, desde que se diga a verdade. A ficção não existe.

E se existe, não interessa. O grande tédio: distrair-se, portanto distrair-se de si mesmo. Se existe, a ficção é como o câncer, uma degenerescência no ciclo da vida e – estranhíssimo – pelo ciclo da vida.

Como pode uma história ser fictícia? Organizando, classificando, ordenando um ser que não é? Produção regular, eficaz, rentável, de células macaqueando o metabolismo orgânico mas invadindo o organismo – organização, classificação, ordenação que vem sufocar o organismo – uma história fictícia tem cheiro de cadáver.

Como poderei medir a distância a que me encontro de mim mesmo? Eis a questão que Pontrjagin tem na mente enquanto o metrô percorre desviado os intestinos da cidade. Passadas quatro, faltam três estações para que chegue a destino. Sete estações, da casa à Faculdade, sete dias da semana, sete anos em que ele ensina aqui, e durante os quais progressivamente se aproximou, para sua perplexidade, de si mesmo. Tão pouco tempo e tanto tempo! Quando pensa em quatro anos passados, ocorre-lhe o sentimento que tinha de ocupar inteiramente o corpo, de dominar totalmente a alma, de comandar inflexivelmente o espírito. No entanto, hoje, ouvindo o uivo do metrô rente ao túnel, sabe quanto desconhecia seu corpo, quanto acompanhava docilmente – e inconscientemente – os impulsos de sua alma, como obedecia ingenuamente aos caprichos de seu espírito! Ai de mim!

Há quatro anos, quando pensava em três anos antes, tinha a impressão de ser outro, de tal modo seus gestos daqueles tempos lhe pareciam desconformes consigo mesmo. Entretanto, aparentemente os gestos não mudaram, como não mudou o metrô empoeirado, com seus cheiros múltiplos, como não mudaram as aulas na Faculdade, e também o resto não mudou. Pelo contrário, ficou sendo ainda mais o que já era. Quase se levanta, de tal modo esta revelação o assusta.

Imóvel, presta atenção para ver se não fez algum gesto que pareça estranho a seus companheiros de assento. Deixou talvez cair a bengala? Não, ela está a seu lado. Ele realmente está imóvel. E agora precisa levantar-se, pois a próxima estação é a sua.

Como avaliar minha aproximação de mim mesmo e como passar ao limite? Eis a questão que preocupa Pontrjagin ao descer.

11

Em fins de janeiro, Gubbels e eu havíamos terminado a pesquisa. Os resultados obtidos correspondiam em parte ao que suspeitávamos desde o início. Em parte, contudo, indicavam que a teoria, se desenvolvida naquela direção, não compreenderia fenômenos particularmente profundos. Satisfeitos e um pouco desapontados, resolvemos que durante as últimas semanas de trabalho em conjunto eu faria uma redação definitiva, a ser publicada na *Revista Holandesa de Física Teórica* e prepararia um ciclo de conferências sobre o assunto, na Sociedade Holandesa de Física.

Entusiasmava-me a perspectiva de trabalhar intensamente até o último dia. Com isso encontrei em mim mesmo a paz necessária para agir com a eficiência de um profissional, sem no entanto exigir a sensação contínua de que estava me realizando.

— Provavelmente isso acontece com toda gente. No fundo, estou apenas ficando velho, não é?

Digo isso sem acreditar, pois sinto em mim a necessidade imperativa de buscar outro meio de provocar aquela sensação contínua. Leila também não acredita. Sem me responder, sorri e beija-me de leve.

Em janeiro os dias são frios. Apesar do sol, temos de levantar a gola do sobretudo para nos protegermos do vento cortante. De mãos dadas, passeando por Amsterdã, essa nossa velha amiga, sentimo-nos cúmplices.

— O que seria de mim sem você, Leila? Você é uma fada, traz na ponta de sua varinha mágica um grão de luz que ilumina minha noite como um sol. Perto de você me sinto tranquilo. Você hoje está muito bonita, você é bonita, eu gosto de você... Acho que saímos cedo demais. Táxi!

Leila passa do sorriso à surpresa, quando chamo o táxi, mas logo percebe para onde vamos. Entra primeiro e dá o endereço ao

motorista. Durante o breve trajeto – havíamos saído há pouco para passear a pé – olhamo-nos em silêncio. Entrando em casa, Leila se encosta na porta e levanta a saia apenas o suficiente para que eu possa penetrá-la e gozarmos juntos, longamente.

Esquecemos tudo e passamos a manhã nos amando. Então Leila adormece murmurando ao meu ouvido que foi bom festejar. É verdade, apesar da dor profunda destes dias, temos muito que festejar. Estamos juntos – é o mais importante. Nossa fuga, afinal, era mesmo necessária: encontrei uma pista, posso começar a procurar. E não será apenas procurar mais uma vez, tentando novo caminho, e outro mais, se o primeiro não der certo. Será procurar pela primeira vez.

O prazer de olhar Leila nua, dormindo, é intenso. Os seios espalham ligeiramente sobre o peito e vibram imperceptivelmente com o leve tremor da respiração. Sinto misturados em meu estômago o torpor da saciedade e a ânsia da descoberta: um acontecimento, um gesto, um ato, traz em si seu próprio sentido. E o sentido do acontecimento, do gesto ou do ato é sua perfeição, e a perfeição é o ser na sua entidade mais radical. A paz que encontrei para trabalhar sem exigir a contínua afirmação de sucesso interior, essa paz não significará que estou ficando velho? Ou será a primeira manifestação de maturidade? Incomoda-me suspeitar que até hoje não passei de um imaturo. Não, não é possível.

A maturidade, penso enquanto me encosto em Leila, é a sedimentação do corpo e a adolescência do espírito; é a metamorfose de si mesmo em imensa ameoba que avança com o macio blu-blu de seus pseudópodes, dilatando-se para se deslocar, invadindo para dominar, digerindo por osmose os objetos no caminho, plantando um silêncio no meio da zoeira infernal dos homens, transformando a metamorfose em sua própria identidade.

Passei a tarde redigindo a conclusão do artigo. O conteúdo e a organização das outras partes dependiam da última. Eu tinha

de decidir se a reservaria para o enunciado e a demonstração do resultado principal, ou se incluiria também algumas informações gerais que conduziam a esse resultado. Comecei fazendo um roteiro mais adequado à hipótese de uma conclusão mais ampla. Se ficar muito longa, calculei, posso fragmentá-la. Pensei várias vezes antes de colocar cada item, e a hesitação me irritava um pouco. Ainda na véspera, apesar de saber que era trabalho longo e as vezes maçante, imaginei que a redação fluiria sem dificuldades.

Após o roteiro, achei melhor fazer um plano geral antes de iniciar o texto propriamente dito. Feito esse plano, decidi começar pela introdução. Nela seriam colocados os problemas do artigo e explicadas as motivações da teoria. Contudo ao fim do primeiro parágrafo percebi que a introdução precisava levar em conta tudo que se lhe seguisse e assim deveria ser escrita por último.

Voltei ao roteiro da conclusão e comecei a escrever. No fim do dia terminei o primeiro rascunho. Relendo e fazendo pequenas correções, achei que no dia seguinte teria uma impressão mais objetiva do que escrevera. Agora ainda estava muito quente, como um pão saindo do forno.

Leila fora fazer compras e ainda não voltara. Levantei-me e fui esquentar café. Me lembrei do meu pai. Ele ficava escrevendo e eu preparando minhas provas, noite a dentro, sob a melodia ritmada das ondas, murmúrio longínquo. De madrugada, ele se levantava, da cafeteira entornava o café numa vasilha colocada diretamente sobre o fogo baixo, e mantinha a falangeta do indicador perto do líquido, explicando-me invariavelmente que sentiria a temperatura antes que o café fervesse. Esquentava-o portanto sem deixar que amargasse. O pai, pensei, é a explicação que temos do mundo.

Com a xícara na mão, encostei-me à janela. Na penumbra do parque, o cego voltava o rosto na minha direção. Reconheci imediatamente Pontrjagin. Seu olhar opaco me paralisou um instante. Percebi que ele

queria me dizer alguma coisa. Sentindo as batidas do coração, botei a xícara de lado e tentei abrir a janela. O fecho estava emperrado, tentei puxar, bati com força, não consegui abrir. Vi que Pontrjagin me acenava querendo significar que não era importante, em outra ocasião, talvez... Desesperadamente, puxei a janela com as duas mãos. Senti um arrepio ante a onda de ar gelado que invadiu o quarto. Ouvi então a voz rouca e serena de Pontrjagin como se estivesse ao meu lado: “A única maneira de conhecer o caminho, ou pelo menos a direção, é olhar o caminho que adotamos, para chegar à necessidade de conhecer o caminho. E o que adotamos na verdade nos foi dado”.

O bater da porta cortou-me a respiração.

— Que é que você está fazendo aí com a janela aberta? Está um frio louco!

Leila sorria, com o nariz vermelho, carregada de embrulhos.

— Não ouvi você chegar.

— Fecha a janela e desce do Himalaia.

— Você não vai acreditar, mas estava conversando com o Pontrjagin.

O sorriso de Leila se abre mais ainda, seu beijo lento me descontraí.

— E a redação? Já acabou o último capítulo?

— Fiz um primeiro rascunho.

12

Sentado diante do rascunho, sinto-me incapaz de continuar a redação do artigo. A imagem de um homem solitário e tenebroso desloca-se em meu espírito, como um filme antigo e me perturba o olhar e o pensamento, jogando nas reentrâncias da memória sombras espessas, cortadas por feixes intensos de luz. Vejo essa imagem andando pela praia, andando muito, em silêncio, contemplando o sol nascente, saudando a ponta do Arpoador. Ela toma um ônibus repleto e deixa seu corpo balançar molemente nas paradas e nos arranques, sentindo a transpiração escorrer pela espinha dorsal, e os corpos colados a ela transpirando, também sacudindo. Mergulhada num profundo poço de isolamento, desenha com um pedaço de giz códigos estranhos sobre o quadro negro e observa o bocejo longínquo de um olhar no fundo da sala. Preciso identificá-la, preciso descobrir o mal de que sofre esse homem, preciso saber como foi que aconteceu, sobretudo o que foi que aconteceu.

Ao mesmo tempo, talvez pelas mesmas ocultas razões, pergunto-me quem é Pontrjagin. Quando escrevi as historinhas, queria distrair a atenção de alguma fórmula teimosa, deixara o pensamento vagar livremente. Ele procurara o caminho dos Andes, tentando situar o rosto de meu pai, sua expressão. Veio-me então a vontade irresistível de escrever. Naquele dia, consultara um livro do célebre matemático cego, Leon Pontrjagin. Tentei então imaginar esse personagem singular andando pelos corredores da Universidade de Moscou, provavelmente ajudado por um subalterno. Imaginei que Leon Pontrjagin vivesse sozinho – por que não? – e tomasse o metrô para ir todos os dias ao trabalho. Fechando o livro, talvez tenha me levantado e visto pela janela o cego passeando no parque, talvez tenha continuado sentado, mas com certeza pensei nesse homem e em seu passeio cotidiano. Impressionava-me constatar que o cego se movia no parque como se enxergasse em seu redor, e que a bengala branca não lhe servia para evitar obstáculos imprevistos – de fato inexistentes – mas para advertir aos outros seres humanos que por ventura parassem imóveis e silenciosos no seu caminho. Os passos decididos e seus gestos desembaraçados garantiam que se isso não explicava inteiramente o uso da bengala, restava uma derradeira hipótese: a de

que ele temia esbarrar em outro cego, talvez em si mesmo. Isto me levou a tecer algumas considerações que inseri nas linhas sobre esse Pontrjagin que nada tem em comum com Leon Pontrjagin. Depois de escrevê-las, mostrei-as a Leila e esqueci-as, sem lhes dar importância. Hoje, subitamente, sinto uma urgência insuportável de decifrar o que significa Pontrjagin, e acho que a solução do enigma poderá revelar a face dessa imagem que me assombra e se desloca tal uma alma penada pela Avenida Rio Branco às seis horas da tarde, esbarrando contra corpos que têm pressa, que buscam, anseiam e se calam.

Olho o rascunho. A primeira página está preta de correções. Levanto os olhos e vejo o retângulo do sol que entra pela janela, as cortinas fechadas que vibram com a luz intensa. De repente o cheiro da madeira da mesa me assalta as narinas, tudo parece desmedido: a respiração da Leila, sentada perto de mim lendo, agride meus ouvidos, sinto-me pesado sobre a cadeira, minhas mãos transpiram, o lápis escorrega entre os dedos.

Tutto da capo! Da capo!

Olga caiu e foi envolvida pela multidão.

De cima do automóvel joguei-me ao chão e tentei abrir caminho dando socos e pontapés, mas tudo ficou escuro e no silêncio da noite ouvi apenas uma sereia longínqua.

Quando acordei, meu pai estava ao lado, impassível, olhando-me. Não disse nada, e quando falei, com a língua enrolada, que queria ir ao enterro da Olga, ele fitou o chão por um momento e decidi:

— Vamos.

Ajudou-me a levantar, mostrou-me como eu devia passar o braço esquerdo sobre os ombros, para me apoiar na perna direita. A outra estava engessada.

— Não é nada, a perna quebrou mas o resto ficou no lugar.

Ao sairmos do quarto, reconheci o corredor da Casa de Saúde São José, onde viera todos os dias durante as últimas semanas de vida de minha mãe.

— O Lins é um excelente traumatólogo e me garantiu que está tudo bem. Deu licença para você voltar para casa quando acordasse.

Na entrada, cruzamos com duas freiras. Meu pai se despediu da moça atrás do balcão. O Largo do Humaitá estava ensolarado, e o barulho do trânsito estonteou-me. No automóvel, meu pai me disse que Olga não seria enterrada no Rio. O corpo estava no necrotério, e a família decidira levá-lo para Curitiba. Ela seria enterrada no túmulo dos avós.

— Ninguém pode ir ao necrotério. É proibido. Procure não fazer imprudências inúteis. Quando suas razões não parecerem suficientemente boas para você frear a ação, pense que talvez você esteja me comprometendo.

Passaram-se três meses entre aquele dia e a manhã em que tomei o avião para os Estados Unidos. Foi durante esse período que me encontrei pela primeira vez com o silêncio. Eu não podia deixar de assumir a responsabilidade das tarefas que estavam a meu cargo. Fui mesmo obrigado a aceitar mais algumas. Provavelmente o Tavares achou que me ajudaria ocupando-me ainda mais. Fiz o que tinha de ser feito, um pé na frente e outro atrás, mas o desespero aniquilara a minha fé. Imagino que a princípio o meu silêncio foi interpretado pelos companheiros como reação natural. Passadas algumas semanas, senti em torno de mim uma desconfiança crescente, aliás justificada. Tornara-me taciturno, ficava silencioso durante as reuniões que se multiplicavam rapidamente, à medida que a situação ia se modificando. A repressão tornara-se dia a dia mais feroz. Era um desafio a procurar novas armas ideológicas para o combate. Assistindo a esse processo de radicalização, percebi que em pouco tempo meus companheiros

lançariam mão dos meios que havíamos condenado sem descanso. Eles também seriam dominados pela falta de alternativa, e se tornariam instrumentos de um processo de que não possuiriam mais o controle.

Embora consciente disto, não fiz coisa alguma. A dor tornara-me inerte. Não tentei advertir os companheiros. (Hoje tenho certeza que estavam tão conscientes quanto eu da situação: baratas tontas!). Entretanto, não os abandonei, e não foi por medo de ser acusado de traição. Pelo contrário, senti que não havia alternativa, e entendi que em todas as direções o processo era o mesmo. Continuei ao lado deles, calado e descrente. Talvez por isso, quando começaram a se esconder e a se organizar clandestinamente, fui liberado progressivamente de minhas tarefas. As prisões, as torturas, os assassinatos começaram a suceder-se vertiginosamente, e a única coisa – tenho de confessar – de que me mostrei capaz foi sentir uma imensa tristeza.

Finalmente, numa segunda-feira de madrugada, meu pai me acordou dizendo:

— Vista-se depressa.

Ele estava de terno e gravata, a expressão cansada, os olhos vermelhos, os traços desenhados no rosto com cortes profundos – adivinhei que estivera na redação do jornal até aquela hora.

— Faça a mala com suas coisas, daqui a pouco você vai para os Estados Unidos.

Minha estupefação não durou muito:

— Acabam de prender o crioulo seu amigo.

Quando cheguei em Berkeley, queria esquecer. Não esqueci, mas foi como se abrisse uma parêntese, e me entreguei totalmente ao trabalho na Universidade. Foi necessário forçar o corpo com severidade até

que a alma se rasgasse. Em Berkeley, encontrei-me com Leila, e ela acordou em mim uma espécie de eu ancestral, que me parecia nascer das entranhas, e me ligava às raízes. O sentimento de haver reencontrado essas raízes dava-me uma alegria intensa. Pensei então que de certa forma, na ignorância desse eu descoberto – ou redescoberto –, no passado, eu fora vivido pelos acontecimentos, em lugar de vivê-los. Disso resultou a vontade de dominar uma pessoa para evitar que fosse dominada. Foi essa vontade que alimentou o esforço, manteve a tensão e produziu a inspiração, necessários ao trabalho científico que decidi realizar.

No Brasil, os gestos e os atos continuaram guiados por um ciclo inelutável de violências e horrores, junto a um ciclo paralelo de feitos frenéticos e negócios mirabolantes. São ciclos que, pela radicalização, desvirtuam os gestos e os atos. Quando o silêncio é instaurado em nome de conceitos, quando banalmente os fins justificam os meios, e a realidade dos fatos é mascarada todos os dias por palavras, então grande parte do destino fica entre mãos incontroladas, ávidas de satisfazer necessidades patológicas. Muitos dos que amam uma causa e acreditam no bem realizado pela prática das ideias que defendem, tornam-se então seres irracionais, feras provocadas, e quando não se cobrem de sangue, compactuam em surdina.

Com o passar do tempo, em Berkeley, senti-me desligado desse processo. Consegui abrir a parêntese que isolava a sombra em cima do automóvel, assistindo a um assassinio ignóbil. Para isso a cumplicidade da Leila foi decisiva. Durante anos gozamos intensamente a graça da evidência. Os dois nos compreendíamos pelo simples fato de estar. Nossos seres pareciam construídos para se articularem e criarem movimento. Entre as leis em equação, a natureza axiomatizada e a paisagem verde e azul da Califórnia, vibrávamos continuamente. Egoístas, nada nos importou até o dia do retorno.

Dessa forma, nossa existência ficou circunscrita por poucos paralelos – acredito que atingimos então um estado de simplicidade essencial – e

nos sentíamos senhores dessa existência. Não obedecíamos a nenhuma crença, nenhuma fé nos ofuscava, porque o universo se resolvia em paixão, e a paixão nos subjugava. Ainda agora, quando nos vejo, do alto deste mirante do tempo que é o presente, creio que então realmente dominávamos nossa vida, porque a paixão nos impunha seus melindres, seu poder era absoluto, e a inteligência via-se relegada à justa situação de servo e instrumento. Entendo que a verdadeira opressão só existe quando a inteligência domina e fornece razões para os atos da paixão, que ela confunde e deturpa afim de esmagá-la. Ao dominar, a inteligência tende a afastar-se do corpo, e a perder os critérios da natureza que o organismo transmite. Torna-se uma arma fria, inapta para desempenhar o papel de comunicação com o universo, mas capaz de destruir, de perverter a coerência da vida, interferindo no equilíbrio da transformação.

Depois de termos ambos defendido nossas teses de doutorado, ainda trabalhamos na Universidade alguns meses para preparar suas publicações. Durante esse período, podíamos ter considerado a possibilidade de ficar nos Estados Unidos, tentando encontrar um posto de ensino ou de pesquisa em alguma universidade. Mas a volta ao Brasil nos parecia um imperativo natural, que não podia ser contrariado. Quando recebemos o convite do Otto para trabalhar na Nacional do Rio de Janeiro, não respondemos logo afirmativamente porque Leila preferia morar em São Paulo.

Não imaginei que, ao voltarmos, nosso estado de graça se modificaria. Sabia que na paisagem o Pacífico seria substituído pelo Atlântico, mas pensei que nas praias do Leblon, de Ipanema ou de Copacabana veríamos o oceano como o víamos em Sausalito. No Rio de Janeiro a cumplicidade entre mim e Leila não se alterou; no entanto ao invés de facilitar nossa readaptação, essa cumplicidade tornou impossível a formulação dos problemas que enfrentávamos. Não falamos mais em ter filho, e ficou implícita a decisão de adiar o assunto. No Rio, houve uma ruptura da evidência. Certa vez, ao subir as escadas do Instituto, sem razão aparente, recapitulei os gestos que tinha feito no começo do dia, e todos me pareceram destituídos de coerência.

No segundo andar, fui diretamente para a sala onde poucos minutos depois se efetuará a reunião administrativa marcada na véspera. Senti uma brecha dentro de mim. Uma hora antes, um indivíduo saíra de debaixo do chuveiro, tomara café com torradas, pegara o ônibus e lera em pé o jornal, balançando com as freadas e os arranques, com o braço esticado segurando o tubo de alumínio e o outro, dobrado, segurando o jornal, também dobrado. Uma hora antes, outro indivíduo perguntava: “Que hei de fazer? Afinal, por quê? Para quê?”. Uma hora antes, um terceiro indivíduo, esfregando a toalha nas costas, meditava: “Alguma verdade havia, alguma razão havia. Pode ser que minhas ações fossem também guiadas por motivos irracionais – que importância tem? De fato, as coisas precisavam mudar, o sofrimento era grande demais, a asfixia intolerável, o silêncio insuportável. Fundamentalmente, as coisas mudaram ou não?”. Uma hora antes, um quarto indivíduo, vendo no espelho seus cabelos despenteados, dissera em voz alta: “Tudo depende da hipótese α_{19} . Se for verificada, os elementos da álgebra de Lie L podem ser interpretados como campos de vetores do sub-espaço X ”. Sentando e enxugando os dedos do pé esquerdo, prosseguiu: “No entanto, verificada ou não, a hipótese α_{19} em nada poderá ser útil para elucidar o meu problema”. Pendurei a toalha para que secasse, vesti-me e ao chegar à copa, Leila já tinha servido o café e tirava as torradas do forno. No ônibus li a coluna do Pedro Sampaio, meu pai. Em poucas linhas ele tecia considerações sobre a liberdade de imprensa. No final do artigo, criticava severamente a imprensa pela sua tendência ao sensacionalismo e por muitas vezes deformar a realidade, a ponto de traí-la. Ao mesmo tempo, enaltecia a liberdade de imprensa, argumentando que quando se pode dizer tudo, na montanha de mentiras publicadas, com um pouco de meditação se pode sempre identificar a verdade. De qualquer forma, a verdade não é nunca um dado direto e imediato. “A verdade é sempre revelada”, sentenciava. E quando existe a liberdade de pensamento e de expressão, é possível reconstituir o quebra-cabeça e descobrir sob que aspecto se apresenta o fato verdadeiro. “Reconheço que o exercício não é fácil”, concluía, “mas lendo o jornal todas as manhãs, o cidadão deveria impor-se o

dever de usar a liberdade de pensamento para manter sempre um olhar crítico sobre a verdade derradeira que lhe é entregue mastigada e digerida”. Quando entrei na sala, quase todos os colegas já estavam presentes, e a conversa sobre a ordem do dia bastante animada: discutiam-se os meios de forçar as autoridades a pagar em dia os míseros salários.

Adivinhar que seria nos Andes, eis uma exigência extravagante – podia ter sido no mar, na floresta amazônica, em qualquer lugar inatingível – mas era previsível que ao invés de morrer, meu pai desapareceria. Esse artigo que hoje lembro demonstra-o com clareza: falando em liberdade, meu pai de certa forma exigia uma liberdade “segunda”: ele apenas desapareceu, e ainda não está morto para aqueles que o lembram.

A brecha que havia dentro de mim talvez fosse uma certa incapacidade em assumir essa existência segunda, ou talvez ainda o acúmulo de acontecimentos vividos “em ausência”, sem o verdadeiro exercício da liberdade e do assentimento. Com a rotina do Instituto, dos domingos no São João Batista ou no Little Club, a brecha se alargou. Mais uma vez os fatos se sucediam sem controle, obedecendo a uma lógica feita de axiomas escondidos e provavelmente arbitrários.

Falta saber o que aconteceu. Que foi? Muito simples: a brecha divide e cria a necessidade de distância. Quando nos sentimos diferentes do ser que de fato somos, acreditamos poder dominá-lo. Mas isso resulta em mais uma ilusão: sentimo-nos diferentes mas continuamos sendo o que somos – não é isso, meu caro Pontrjagin? Então, como ser livre?

Amanhã continuarei a escrever o artigo. A redação fluirá sem dificuldade. Depois, prepararei três ou quatro conferências, o suficiente para dar o panorama geral da teoria. Em seguida virá o momento de fazer as malas e voltar.



The image features a monochromatic red background with a highly textured, almost fabric-like appearance. The texture consists of various ridges, valleys, and irregular shapes, creating a sense of depth and tactile quality. In the bottom right corner, the number '13' is printed in a large, white, serif font. The '1' is tall and narrow, while the '3' is wider and has a classic, rounded shape. The overall composition is simple and focuses on the interplay of color, texture, and typography.

Gubbels veio nos apanhar. Sentamos os três no banco da frente, para colocar duas malas no de trás. No aeroporto, o movimento era grande, e tivemos de esperar um pouco para despachar as malas.

Prometendo que visitaria o Brasil na primeira oportunidade e desejando-nos boa viagem, Gubbels deixou-nos no momento que íamos atravessar a alfândega. Após entregar os passaportes, enquanto o policial os examinava, ainda olhei e o vi de costas se afastando. Pela primeira vez percebi conscientemente sua solidão. Os colegas da Universidade, apesar de tratá-lo sem intimidade, queriam bem e o respeitavam. Nenhum deles, entretanto, era amigo particular. Não tinha mulher e filhos, morava fora de Amsterdã numa pequena casa onde o visitamos algumas vezes, e parecia perfeitamente tranquilo e alheio ao isolamento. Estas, pensei, são as aparências, e ele sabe o que elas encobrem. Que pensará de nós?

Uma hora após a decolagem, terminado o jantar, apagaram-se as luzes do avião. Tínhamos pela frente uma noite inteira de voo. Fizéramos as malas na véspera à noite. Quando acabamos, eu quis olhar longamente nossa água furtada pela última vez. Mas a lembrança que tenho dessa inspeção não me traz o que vi: a mesa coberta de papéis, um paralelogramo de sol entrando pela janela, o parque se modificando insensivelmente ao longo do dia, a transformar-se com as estações, Leila no verão, sentada na cama, nua, conversando animadamente, no outono correndo à minha frente para se esconder por trás das dunas, fugindo ao vento e à maresia, Leila. Permitindo, com sabedoria suprema, que ao dia suceda a noite, e à noite suceda o dia.

— Por que você está me olhando assim?

— Acabei de compreender, Leila, o que você vem tentando me dizer há tanto tempo.

Ela sorri sem entender:

— Ah, é? Me conta.

— Foi o que o Pontrjagin disse com outras palavras, quer dizer, entendi que na vida não se deve fazer nada. Nossa agitação, nosso “fazer”, é uma espécie de necessidade fisiológica, assim com quem está sentado e troca de posição para a boa circulação do sangue. Faz-se uma porção de coisas na vida, mas não se deve fazer nada. Pontrjagin, por exemplo, fez descobertas revolucionárias, empenhou-se naquilo que o seduzia, mas nunca julgou o que tinha feito, nunca achou que devia ter feito isto ou aquilo.

Creio que me sentia mal porque supunha estar incumbido de uma tarefa – o dever do revolucionário é fazer a revolução, ordenara Che. Mas são incumbidos de tarefas aqueles que têm necessidade de fazer alguma coisa e nela querem ver a afirmação da existência – existência deles, antes de tudo. Contudo, há os que, como Pontrjagin, têm a revelação da existência sem mediações, sem realizações intermediárias.

Leila faz parte desse último grupo. Não precisou de explicações para entender, não precisa de realizações para se afirmar. Pelo contrário, seu ser é inteiro, e não poderia jamais dividir com um objeto exterior a ele a sua própria entidade.

Meu pai também fazia parte desse grupo, agora sei. Talvez isso explique porque ele não quis nunca tomar posição quando se tratava de minhas decisões. Seu rosto surge claramente desenhado na minha mente. Penso no seu apartamento com as janelas fechadas, móveis cobertos com lençóis já um pouco empoeirados, papéis arrumados com carinho sobre a escrivaninha. Dona Vilma nos ajudará, tenho certeza, a tratar das questões pendentes. Não deve ser complicado. Afinal ele não possuía muita coisa.

Leila dorme encostada a meu ombro. Não consigo me livrar da lembrança do calor e da umidade do Rio de Janeiro. Aperto o botão e o feixe de luz cai nos meus joelhos. Leila muda de posição, mas não acorda. Tiro a caneta do bolso e pego um bloco de papel da pasta embaixo de meus pés.

Quatro horas da manhã, o sereno envolve a cidade. São camadas de silêncio, de sufoco e de umidade. Sampaio, poeta, perde a esperança de adormecer e resolve sair, dar uma volta para espairecer. “Se é impossível dormir com este calor infernal, aproveito a insônia e adianto a tarefa matinal. Preciso meditar no poema que quero escrever... As ideias fogem, onde foram se esconder?”

Apesar da caminhada e do silêncio, as ideias não vêm; Sampaio verifica: “Meus temas favoritos não valem um tostão”. Procura, mexe, remexe, parece que a fonte secou de vez. E a solidão mergulhada na noite, o mal estar. Afinal por que cargas d’água, meu Deus, por que motivo Sampaio se sente preso a essa maldita obrigação? É homem bom, respeitado, muito capaz. Não o deixeis atado a essa praga, Senhor, devolvi-lhe a paz... “Preciso da meditação e tenho necessidade de escrever. Por quê? Não sei. Sabe o viciado por que tem de absorver a droga? No fundo ele sabe, eu também sei e não sei (pelo coração): a falta da droga faz do corpo sua própria negação”. Como pode o homem libertar-se de seu ópio? Continuamente, quer sentir com força, na carne, a essência dessa realidade diferente dele, objeto de seu olhar, em que tanto ambiciona se dissolver para se reencontrar. “Sem esmorecer, quero sentir a presença do mundo dentro de mim, quero poder me criar, ser minha obra, morrer e renascer assim”.

Sampaio gosta de passear sem rumo. Libertar o espírito de questões vãs é o suprasumo dos prazeres: espírito a vagar, avalanche de imagens em desordem, em grande exaltação, sem temer que as ideias não se harmonizem.

De repente desperta e a apreensão o invade. O ente voluntário que nele habita o sacode: – Tens de escrever um poema por dia e conseguir canalizar o rio doido que corre em tua alma à procura de mar! Percebe então que todas as razões são apenas uma, raízes da mesma árvore, que nem o próprio fogo consome. Dever e querer confluem, coincidem e desembocam no mundo, inundando o território subterrâneo do homem. Essa é a terra fértil em que se planta a poesia, segundo

um processo em dois tempos, sem contar a fantasia: no primeiro, o essencial é o exercício da vontade (o corpo aspirando à forma, sua única finalidade). O segundo depende do primeiro, como o efeito da causa, pois só acontece quando a vontade não precisa mais de pausa, tornando-se ato mecânico, e atinge o ponto extremo em que se confunde com a inteligência e chega ao paroxismo. A permanente presença de si mesmo é a característica desse momento. A cada instante a consciência plena, o total assentimento, conciliando a serenidade da compreensão fundamental com a admiração na incomensurabilidade da diagonal. Esta circunstância consiste justamente na forma do corpo. Há outro modo de entender inspiração e suspensão do tempo? Como força resultante, exprime um termo e não um processo, induz porém o movimento, abre acesso à meditação.

O sol começa a nascer, a luz se mistura à umidade. Sombras surgem, a realidade acorda, o azul a invade. Sampaio sente seus músculos, e, sem ter encontrado o tema, volta para casa.



éditions FAdS